UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
COLEGIADO DE JORNALISMO

JÚLIA DE SOUZA FONSECA

VULVESSÊNCIA:

A fusão de práticas jornalísticas na narração das subjetividades de uma profissional do sexo

Produto jornalístico: livro-ensaio jornalístico

Mariana
2021

JÚLIA DE SOUZA FONSECA

Livro-ensaio: Vulvessência

Memorial teórico-descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª. Márcia Rodrigues da Costa

Mariana

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F676v Fonseca, Julia De Souza.
Vulvessência [manuscrito]: a fusão de práticas jornalísticas na narração das subjetividades de uma profissional do sexo. / Julia De Souza Fonseca. - 2022.
60 f.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Rodrigues da Costa.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Ensaios. 2. Prostituição. 3. Sexo. 4. Subjetividade. I. da Costa, Márcia Rodrigues. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 612.6.057

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSAUFOP-CRB6a1407

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS E APLICADAS
COLEGIADO DO CURSO DE JORNALISMO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Júlia de Souza Fonseca

"VULVA- ESSÊNCIA: A fusão de práticas jornalísticas na narração das subjetividades de uma profissional do sexo"

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 05 de janeiro de 2022

Membros da banca

Profª. Dra. Márcia Rodrigues da Costa - Orientadora
Profª . Dra. Hila Rodrigues (UFOP)
Profª. Dra. Marta Maia (UFOP)

Profª Dra. Márcia Rodrigues da Costa, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 14/01/2022.

Documento assinado eletronicamente por **Andre Quiroga Sandi**, **COORDENADOR(A) DE CURSO DE JORNALISMO**, em 14/01/2022, às 18:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0268523** e o código CRC **3A1A9084**.

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Àquela que segura minha mão, rumo aos sonhos...

AGRADECIMENTOS

À minha amada mãe, que me incentiva, apoia, cuida e, principalmente, abraça meus sonhos como se fossem seus.

A todos e cada um dos integrantes da família Souza Ferreira, por me oferecer orientação, carinho, colo e suporte durante todo o processo da graduação.

À querida Geiza da Cruz por ter sido minha segunda mãe durante boa parte da minha vida e ter me acompanhado em meu crescimento e desenvolvimento.

Aos professores: Cláudio Coração, por me iniciar no âmbito da pesquisa e me mostrar como me apaixonar por ela; Felipe Viero, por me mostrar o valor das brevidades cotidianas e que é possível, sim, chegar longe mantendo as minhas convicções; Márcia Rodrigues da Costa, minha orientadora, que acreditou em mim e viu brilho em minha mente, quando nem eu conseguia; Marta Maia, por me ensinar o valor da minha escrita e me mostrar o quanto ela se entrelaça com a de grandes mulheres e jornalistas que me inspiram; e a todos os outros professores e mestres que dividiram comigo os seus saberes, eu os honro.

Ao Presidente Luís Inácio Lula da Silva, por ter sido o gestor executivo federal responsável pela implantação do Reuni (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), sem o qual não seria possível a criação do amado Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), o qual me abrigou por longos anos de graduação. Estendo minha gratidão ao ministro da Educação Fernando Haddad, que esteve no cargo de 2005 a 2012, e à Presidenta Dilma Rousseff, cujos nomes estão entalhados no Restaurante Universitário, que me ofereceu segurança alimentar ao longo da minha caminhada enquanto estudante da UFOP.

A cada um dos servidores, técnicos e trabalhadores do ICSA, que contribuem para que nada falte ao instituto e estudantes.

Às amigas: Cleo de Paula, que dividiu comigo seu choro, risadas e seu “pão”; Júlia Carvalho, que acalentou meu coração em momentos de dureza; Rafaela Silveira, que me ensinou como achar bonito o que é espelho; Rafaella Souza, por me provar que o meu destino era ser jornalista, e não economista, e me proporcionar experiências que estão marcadas na pele; Thaís Silva, que foi abrigo e me deu casa quando me faltou chão.

Ao querido professor, amigo e mentor Hélio Rodrigues, que duvidou de mim, me deu sermão, segurou a minha mão, acreditou em mim, enxugou as minhas lágrimas, me sorriu e me alegrou diversas vezes, com suas sabedorias cirúrgicas e seus olhos perspicazes.

Aos maravilhosos amigos João Paulo Silva, que me acompanhou em disciplinas, trabalhos, resmungos e risadas, e Cristian Vasconcelos, que me lembrou diversas vezes que o sol não enxerga o próprio brilho.

Ao grupo de pesquisa do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFOP, "Quintais: cultura da mídia, arte e política", que acolheu a mim e às minhas inquietações acadêmicas, e me ensinou muito sobre os estudos da comunicação.

À minha estimada fonte, Maria de Fátima Muniz (Jade), por gentilmente colaborar com este projeto e com a minha transformação de estudante em jornalista e escritora.

À doulagem Egrégora e à Gineterapia, que expandiram infinitamente o meu leque de saberes, me transformando em uma jornalista mais humana e atenta aos personagens (in)visíveis em nosso cotidiano.

O valor de vocês é inestimável, sem a contribuição de todos e cada um eu não chegaria aqui. O amor é o que nos leva para frente, sigamos.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo construir uma reportagem no formato de livro-ensaio jornalístico acerca da trajetória da trabalhadora sexual Jade como ator político-social em Belo Horizonte, narrando suas subjetividades e a busca pelos direitos de sua classe, que também analiso nesta pesquisa, durante a pandemia. Apresento reflexões acerca do uso da sensibilidade, da escuta, entrevista e do ensaio jornalístico como recursos de registro documental das subjetividades do ser e como meios de conexão entre as histórias de interesse humano e os leitores, usando como principal referência os conceitos de Cremilda Medina. Procuro dialogar com o pensamento complexo de Edgar Morin, com a literatura, a Nova História e o Novo Jornalismo, a filosofia, sexualidade e intimidade, feminismo, economia política do sexo e o jornalismo como transformador da realidade, ao visibilizar um universo desconhecido.

Palavras-chave: Prostituição; ensaio jornalístico; subjetividades; sexualidade.

ABSTRACT

This work aims to build a report in the format of a journalistic book-essay about the trajectory of the sex worker Jade as a political-social actor in Belo Horizonte, narrating her subjectivities and the search for the rights of her class, which I also analyze in this research, during the pandemic. I present reflections on the use of sensitivity, listening, interviewing and journalistic essays as resources for documenting the subjectivities of being and as a means of connecting human interest stories and readers, using as main reference the concepts of Cremilda Medina. I seek to dialogue the complex thought of Edgar Morin, with literature, New History and New Journalism, philosophy, sexuality and intimacy, feminism, the political economy of sex and journalism as a transformer of reality, by making an unknown universe visible.

Keywords: Prostitution; journalistic essay; subjectivities; sexuality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ……9

1.1 Justificativa ……... 12

1.2 Escolhas metodológicas ……... 13

2 TRAVESSIAS, EXPERIÊNCIAS SOCIAIS E O JORNALISMO ……. 14

2.1 "Porquês"……..…… 16

2.2 O ser jornalista e meu "eu jornalístico"……...……. 20

2.3 Humanização: ressignificar o jornalismo tecendo sentidos e vivências 22

2.4 As subjetividades na narrativa jornalística e sua conexão com a literatura 24

2.5 O sentir no fazer jornalístico 28

2.6 A nova história como recurso jornalístico e o jornalismo como recurso histórico…...… 31

3 PANDEMIA E PROSTITUIÇÃO 34

3.1 A objetificação do corpo feminino e sua consequente marginalização no imaginário coletivo ……..……. 37

3.2 O discurso da mídia e a realidade das trabalhadoras sexuais durante a pandemia ……... 40

4 AS DIFERENTES PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DO ENSAIO JORNALÍSTICO 43

4.1 O jornalismo fala: ponderações sobre a entrevista, a atualidade e a urgência …...…….. 45

5 MATERIAL DESCRITIVO …….. ……..47

5.1 Pauta Estendida ……...48

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 52

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 54

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema o estudo e produção jornalística acerca da figura importante de uma profissional do sexo em Belo Horizonte (MG), enquanto ator político-social durante a pandemia do coronavírus, buscando narrar suas subjetividades e busca pelos direitos de sua classe neste período de recessão, isolamento social e adversidades.

Nossa proposta é produzir um ensaio jornalístico acerca da trajetória de Maria de Fátima Muniz (Jade), contextualizando a sua história pessoal, o seu trabalho pré-pandemia e durante a pandemia, em prol de elucidar a luta de uma integrante dessa classe trabalhadora excluída e marginalizada, em especial durante esta crise inédita. Além disso, buscamos construir um relato humanizado que dê conta de parte das minúcias e subjetividades que atravessam a vida e a lida de Jade e das trabalhadoras sexuais amparadas pela sua luta e conquistas. Isso é o que justifica o título deste trabalho, em que revelaremos parte da essência de uma trabalhadora sexual que é vista socialmente como um objeto, portanto Vulvessência é a proposta de tentar ressignificar esta profissional para além do seu órgão sexual.

Traremos ao longo desse memorial e do próprio produto, detalhes sobre o sensível e os afetos que tangenciam o universo bruto desta trabalhadora, que muitas vezes é vista como um objeto ou um ser sumariamente sexual em seu cotidiano, mostrando, assim, um lado da sua essência, que também é de luta e bondade, parte da energia feminina e criativa pulsante em suas necessidades e de suas companheiras.

A vulva é um símbolo, uma parte dos corpos femininos e um instrumento de trabalho para as trabalhadoras sexuais. Frequentemente as profissionais que atuam com seus corpos podem ser reduzidas ao seu sexo por grande parte da sociedade. Todavia, o que é esse sexo senão um mínimo componente da essência de seus seres? E aqueles que as reduzem a máquinas e objetos de prazer conhecem a parte fundamental dessas mulheres? Sabem que ela é condicionada a muito mais do que simplesmente a libido sexualizada, sendo também a libido uma força motriz de ação e energia de vida?

Ao trazer a história de uma trabalhadora sexual em um livro-ensaio com esse título, buscamos estabelecer uma provocação com a união das palavras Vulva (conjunto de órgãos sexuais femininos externos e visíveis a olho nu e que faz parte do sistema reprodutor da mulher) e o que se espera de um órgão genital de uma trabalhadora sexual, e sua verdadeira essência (que tivemos a oportunidade de conhecer, mesmo que de maneira rés, em função da complexidade de sua realidade), que se mostrou constituída basicamente de bondade, força e luta pelos direitos de todas as mulheres. Descobrimos que Jade, nossa fonte, atua pelo bem estar coletivo das mulheres de sua classe e, inclusive, de outras mulheres que fazem recurso

dos serviços de saúde pública e direitos da mulher no município de Belo Horizonte, já que ela atua como Conselheira de Saúde da Mulher e no Conselho de Prevenção à Violência Contra a Mulher - inclusive daquelas que contribuem para a sua marginalização e dessocialização.

Após a interação, entrevista e escuta de outras trabalhadoras sexuais que convivem com Jade (processo realizado nos hotéis em que essas mulheres e a própria fonte principal trabalham), foi possível concluir que ela representa uma figura quase que matrifocal para as colegas - cuidando, zelando e amparando pela segurança e saúde das mesmas - e atua de uma maneira singular por elas, apoiando, inclusive, mulheres que têm seus desafetos com ela. O que seria isso senão altruísmo em essência de uma mulher que trabalha (também) com sua vulva? Essa essência transborda o estigma, e nós escolhemos trazer essa provocação lúdica para o título do trabalho.

O recurso documental e jornalístico aqui empregado é o ensaio jornalístico, que capta as histórias, os personagens e sua realidade de uma maneira mais minuciosa e expandida, em se tratando de acolher as necessidades, subjetividades e afetos das fontes e figuras humanas, e explorar mais profundamente a narrativa e os detalhes de seu universo.

Produzir este tipo de material pode ser muito desafiador, porém, se o tema se mostrar pouco explorado e socialmente relevante, o jornalista poderá contribuir ativamente para o registro da história de como se passou a pandemia para essas mulheres trabalhadoras sexuais e o trabalho poderá ser referência para estudos no futuro. Assim sendo, esta produção traz apontamentos e questionamentos sobre o jornalismo ensaístico, sobre a relação entre prostituição, sexualidade, pandemia e vulnerabilidade social e analisa e explora os conceitos da construção desse tipo de reportagem por meio da entrevista e narrativa ensaística, realizadas mediante o contato e parceria com a personagem Jade.

Nossos principais objetivos são: explorar mais sobre uma realidade quase que (re)velada; entender, por meio de experimentação e produção, quais possibilidades de conexão, desenvolvimento e realização pessoal a produção de reportagem ensaística oferece no momento atual; conhecer as problemáticas vividas presentemente pelo coletivo de trabalhadoras sexuais (pelo qual a fonte é responsável) e fazer recurso desse aprendizado para produzir um material sensível, que detalhe mais sobre a realidade enfrentada pela personagem e por aquelas que ela acolhe e ampara; propor uma abordagem de escrita que entrelace Jornalismo, Literatura e até mesmo poesia para construir a narrativa, embasar questionamentos e gerar empatia nos leitores; usar recursos literários para avivar e humanizar a narrativa, tentando sintonizar as emoções do leitor às emoções expressas no ensaio jornalístico, que tem características de escrita fluida e criativa, mas que é um relato ímpar a

ser feito sob a lógica de usar subjetividade na linguagem para representar as questões subjetivas reais, que vieram com a pesquisa.

Dessa forma, dissertaremos sobre as subjetividades e as emoções na prática jornalística e o uso do jornalismo como ferramenta de registro da história no primeiro capítulo deste memorial teórico-discursivo, por meio de estudos dos conceitos de Cremilda Medina e Didi-Huberman. Já no segundo capítulo estudaremos as questões relativas à objetificação do corpo feminino e sua marginalização, as definições e temas que tangenciam a causa das profissionais do sexo, a animalização da mulher e sua consequente apropriação e mediocrização por parte de diversos setores da sociedade, o discurso da mídia em relação às profissionais do sexo durante a pandemia, e ponderações acerca do trabalho realizado e seu processo de construção, sendo orientada pelas noções de Carol J. Adams, Mary Del Priori, Margareth Rago, Silvia Federici, Gayle Rubin e outras pensadoras do feminino e estudiosas da prostituição. Finalmente, o terceiro capítulo deste memorial abordará estudos sobre o ensaio como prática jornalística e o ato e modos de acolher e narrar histórias por meio desse, usando como referenciais de estética a escrita de jornalistas que produziram este tipo de conteúdo, como Eliane Brum, Daniela Arbex, Patrícia Galvão e Vanessa Barbara - autoras que fazem recurso do componente do sofrer e da dor como pontos fundamentais de suas narrativas, que se mostram tanto afetivas quanto absolutamente factuais e que, portanto, me serviram de inspiração.

Espera-se que o trabalho contribua com as pesquisas no campo do jornalismo e suas produções experimentais, dos estudos acerca da produção de grandes reportagens e da construção da Nova História por meio do Jornalismo, além de trazer à luz uma realidade pouco explorada nos grandes meios de comunicação durante a pandemia do novo coronavírus no Brasil - a de uma trabalhadora sexual e ativista pelos direitos das trabalhadoras sexuais, que faz um trabalho cuja real responsabilidade é do Estado, mas que, certamente, contribui profusa e ativamente pelo bem-estar de sua classe e da condição feminina durante estes tempos obscuros e difíceis.

O livro (produto) será desenvolvido na forma de um ensaio jornalístico, estruturado em um prólogo, em que eu me relaciono com o tema, e mais cinco capítulos: o primeiro apresenta a fonte; o segundo traz uma contextualização do momento atual e o trabalho da fonte e uma descrição do ambiente dos hotéis que visitamos no hipercentro de Belo Horizonte; o terceiro pincela a beleza do componente “sofrer” e as características do trabalho sexual; o quarto capítulo descreve um pouco o trabalho da fonte e sua relação com as outras trabalhadoras sexuais; o quinto capítulo aponta questões sobre ser mulher na sociedade e as

poéticas do feminino relacionadas ao presente, aprofunda a questão da transformação de Jade em um ator político social e a relação desta com a força feminina, além de ponderações sobre a resistência, resiliência e afetos, que trarão a narrativa ensaística e poesias autorais, para composição da proposta do sensível trazida no tema; finalizando com um epílogo que é uma relato anônimo de uma trabalhadora sexual em uma noite de expediente.

1.1 Justificativa

A motivação inicial para trabalhar com este tema vem da minha própria história pessoal. Desde muito nova estou conectada à figura da prostituta, ou 'puta', por ser uma garota que visava a liberdade e que tinha curiosidade e desejo pela vida, o que era mal interpretado por aqueles ao meu redor e, por isso, me foi motivo de humilhação e violência.

Por alguns anos de minha vida fui proibida e coibida ao me expressar, ao destacar o meu sentir, ao dividir com as pessoas ao meu redor as minhas inquietações e angústias. Porém, em uma determinada altura da minha adolescência, eu percebi que não havia mal algum em sentir e, eventualmente, até falar sobre isso, e assim passei a fazê-lo. Até que um dia, no último ano do ensino médio, compartilhei com um professor de Literatura um pouco do meu processo criativo (imaginei que ele, sobretudo, entenderia), o qual envolvia choro, riso, contentamento e raiva… ouvi como resposta algo como: "Chorar de rir, chorar e, ao mesmo tempo, rir são coisas de gente histérica. Acho que você deveria procurar tratamento…", e ali começou a minha quase interminável procura pela solução de um novo impasse: eu já entendia que estava tudo bem sentir, me emocionar e escrever sobre isso, mas ainda precisava entender como compartilhar isso com o mundo ao meu redor. Eu não duvidava da minha capacidade de dividir e comover o outro por meio do que eu sentia, mas sim do potencial que as pessoas tinham para compreender a relevância das emoções nos mais diversos processos criativos.

Então, na graduação passei a escrever e produzir conteúdos que não somente me interessavam, como também poderiam ter certa relevância ao contribuir para a pesquisa no campo das ciências sociais. Ao resgatar meus próprios sentimentos e emoções, pude também me atentar para esses aspectos na vida do outro e do mundo ao nosso redor, de modo a transnarrar minhas experiências, as de minhas fontes e suas causas, clarificando ambos os universos e suas importâncias por meio da narrativa jornalística.

Assim, espero que esta pesquisa possa ajudar a trazer à tona uma pauta que está em voga e que, contudo, se mostra ainda um tabu. As mulheres marginalizadas e estigmatizadas estão começando a ter espaço no meio político, social e midiático, o que as torna um sujeito

de estudo interessante. Estudaremos aqui a trajetória de uma líder ativista pelos direitos das trabalhadoras sexuais porque, no contexto atual, essa figura tomou um papel ainda mais importante na busca de jurisprudências e garantias que ofereçam segurança ao coletivo das profissionais do sexo em Belo Horizonte (MG).

Enquanto jornalista e mulher conectada ao conceito de 'puta' (ou, mulher liberta) busco visualizar essa figura, que faz parte de uma minoria social, com afeto, respeito e curiosidade, para entender sua importância no momento atual - estamos em um período de transição em que as figuras femininas "antissociais" se tornam atores e sujeitos ativos na luta pela democracia, igualdade, equidade e respeito às minorias, o que torna estes personagens e seu cotidiano um objeto interessante de estudo.

1.2 Escolhas metodológicas

Em função da insegurança à saúde oferecida pela pandemia do coronavírus, as escolhas metodológicas para a realização deste trabalho foram limitadas e não me foi possível realizar algumas etapas que eram de meu desejo, como a imersão no cotidiano da entrevistada e múltiplos encontros presenciais para a realização de entrevistas com a mesma. No entanto, apesar desse entrave, consegui contatar a fonte com certa antecedência em relação ao período de realização e apresentação deste trabalho, o que me permitiu aproximar dela o suficiente para estabelecer um diálogo e criar uma confiança com a entrevistada, e trouxe uma série de informações relevantes e decisivas para o andamento e execução desta pesquisa.

Realizei, ainda, um denso trabalho de leitura e catalogação dos textos que fazem parte do referencial teórico desta produção - sendo eles de diferentes campos de pesquisa, como Antropologia, História, Filosofia, Serviço Social, Psicologia, saúde pública, arte e cultura, entre outros - conectando-os ao objeto de estudo por meio de apontamentos e observações, que vieram a fazer parte do conteúdo textual deste memorial.

Além disso, busquei outras referências que pudessem embasar meus argumentos, consolidar os conteúdos do trabalho e, também, estabelecer conexões da teoria lida e absorvida com a prática, constituída pela realidade - como filmes, documentários, publicações nas redes sociais, dados de pesquisa dos órgãos públicos, textos adicionais, *podcasts*, falas de outras profissionais do sexo, outras pesquisas e produções sobre o tema, registros de reuniões *online*, materiais sugeridos pela fonte, e diversos outros conteúdos que complementaram positivamente os estudos. O referencial teórico me proporcionou, ainda, base para que pudesse realizar as entrevistas com segurança e, também, produzir o trabalho,

amparado por outras pesquisas relacionadas, que foram de suma importância para sustentar as indagações e proposições trazidas nesta produção.

A base principal deste trabalho é a entrevista, importante recurso jornalístico na atualidade, que foi fundamental para a composição e construção do ensaio jornalístico (produto). Seguimos os preceitos estabelecidos por Cremilda Medina (uma das mais influentes pesquisadoras da comunicação no Brasil), que tratam do uso das subjetividades na composição de narrativas jornalísticas, além de seus métodos para a realização de entrevistas. Medina se mostra absolutamente relevante para a construção desta pesquisa, visto que ela é mulher e uma grande figura do jornalismo contemporâneo, por sua capacidade de olhar para o outro e trazer à tona suas demandas, perspectivas e necessidades - o que ela transmite nas literaturas usadas como referência neste trabalho.

Outro pensador que orienta este trabalho é Edgar Morin, com a teoria do pensamento complexo. Faremos recurso de seus estudos para ampliar os horizontes da pesquisa por meio dos estudos da complexidade, a crítica ao pensamento moderno e simplista e a imersão no caos do desconhecido (universo da prostituição durante a pandemia) para, de certo modo, procurar conhecê-lo e, se possível, adquirir certa compreensão sobre o mesmo.

2 TRAVESSIAS, EXPERIÊNCIAS SOCIAIS E O JORNALISMO

O jornalismo é literário em sua essência (porque recorre à técnicas de escrita que também são usadas na literatura, além dos processos de pesquisa e apuração que se assemelham aos de um escritor em sua busca por informações para construir sua obra literária), e as diferentes metodologias de escrita e construção são o que diferem suas formas e sua produção, basicamente de maneira estilística. Optamos por fazer recurso do ensaio jornalístico como meio de revelar os resultados dessa investigação (da realidade das trabalhadoras sexuais durante a pandemia e, em especial, da fonte). Em função de suas possibilidades criativas e configuração de leitura, que podem ser mais atraentes para o público em função do uso das subjetividades na exposição dessa reportagem investigativa interpretativa. De acordo com Kovach e Rosenstiel, essa forma de reportagem leva a interpretação a outro nível de informação do público:

> A diferença fundamental entre as duas formas é que a reportagem investigativa original revela informação até então não exposta por ninguém mais, assim deixando de informar o público sobre fatos e circunstâncias que podem afetar sua vida. A reportagem investigativa interpretativa surge como resultado de cuidadosa reflexão e análise de uma ideia, bem como uma busca obstinada dos fatos para reunir informação num novo e mais completo contexto, o qual fornece ao público um

> melhor entendimento do que acontece. Normalmente envolve assuntos mais complexos ou um conjunto de fatos, mais do que numa denúncia clássica. Revela uma nova forma de olhar alguma coisa, bem como novas informações sobre o assunto. (KOVACH; ROSENSTIEL: 2005, p. 178)

Ainda segundo Kovach e Rosenstiel, os relatos orais fazem parte de um pré-jornalismo, contribuem para a manutenção da estrutura democrática de uma sociedade e são considerados a primeira grande mídia da humanidade. Assim, esse ensaio jornalístico se baseia primordialmente na coleta de informações advindas de relatos orais da fonte principal e de outras trabalhadoras sexuais para a construção de uma reprodução de sua realidade, ainda que seja impossível reproduzir integralmente o real e que todo texto, por mais claro que seja, gera múltiplas interpretações. Logo, a coleta e catalogação destas informações se mostrou essencial para a experiência social vivenciada por mim enquanto repórter com minhas fontes e a minha produção jornalística.

A travessia entre o trabalho teórico - o preparo para as entrevistas, os estudos das teorias da comunicação, da realidade das trabalhadoras sexuais, da entrevista, da Nova História, do ensaio jornalístico, entre outros temas no referencial deste trabalho - e a práxis do mesmo se mostrou completamente diferente do esperado e eu acabei vivenciando experiências inusitadas ao realizar esta produção. Uma das principais surpresas foi a perda do imediatismo (característico entre jornalistas) durante a realização das entrevistas e produção do ensaio, visto que por diversas vezes meus diálogos com a fonte foram atravessados por grandes emergências em seu trabalho. Para os jornalistas, a relação entre o tempo e a produção noticiosa é fundamental para a expressão da competência profissional:

> A relação entre o fator tempo e o jornalista é tão fundamental que constitui um fator central na definição da competência profissional. Ser profissional implica possuir uma capacidade performativa avaliada pela aptidão de dominar o tempo em vez de ser vítima dele. (TRAQUINA, 2008, p. 40)

Assim, um dos aprendizados que obtive ao longo desta produção, e que acabou me transformando enquanto técnica, foi usar de uma gentileza ao pensar e fazer o manejo do tempo de produção (visto que escolhi trabalhar com um tema absolutamente sensível e que envolve uma infinidade de subjetividades e, ainda, depende da disponibilidade de terceiros). Passei a encarar essa necessidade urgente e imediata de produção de uma outra forma e acabei sendo ensinada a atravessar os problemas vivenciados pela fonte juntamente com ela.

Entendi que a minha pressa simplesmente não conversa com a dimensão do universo explorado e do próprio produto e compreendi que, para que o trabalho fluísse e pudesse ser

realizado sem interferir ou usurpar da fonte, ele deveria correr de acordo com o ritmo dela e suas possibilidades. Assim, abdiquei da ideia de controle e dominação para, então, me assumir não como escritora-protagonista, mas sim como focalizadora de uma narrativa acerca de uma realidade que é muito maior, pulsante e pungente do que eu sequer possa imaginar.

2.1 "Porquês"

A sociedade está vivendo um momento único e desolador com a pandemia do novo Coronavírus, desde março de 2020. Situações desordenadas como a que se vê presentemente provocam abalos profundos na estrutura social do país e escancaram e reforçam os abismos sociais, fazendo com que as populações que vivem em situação de vulnerabilidade social passem a ser ainda mais invisíveis. Momentos dramáticos e marcantes como o que estamos vivendo já há quase dois anos interferem não somente na ordem social e seu curso histórico, como também nas manifestações de nossa cultura e, consequentemente, da comunicação:

> Esses desenvolvimentos, estreitamente dependentes do curso histórico de uma civilização, podem ser perturbados na medida em que o próprio curso é perturbado. Uma regressão generalizada do consumo e, bem entendido, uma guerra mundial podem fazer parar o ímpeto da cultura de massa, modificar suas funções ou deslocar sua arquitetura temática. Na realidade, a cultura de massa é tão frágil quanto conquistadora, frágil na medida em que ela depende das contradições da crise mundial, conquistadora na medida em que se baseia nos processos dominantes da era técnica... (MORIN: 1997, p. 178)

De acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018 do IBGE, o Brasil voltou ao mapa da fome e da miséria, o que fez com que milhões de pessoas fossem expostas à privação severa de alimentos e a um cenário de insegurança alimentar. É correto prever que as populações marginalizadas, negligenciadas e esquecidas são afetadas pelas crises, de forma que aqueles que não fazem parte daquela realidade sequer podem conceber; pouco se sabe sobre as dores, dificuldades, medos e, principalmente, necessidades dessas populações em tempos usuais - o que, direta ou indiretamente, caracteriza uma omissão sobre a condição destes seres humanos na sociedade dita civilizada - e essa situação se complicou ainda mais no momento presente.

A marginalização de determinados grupos por sua condição social é um fenômeno presente em toda a coletividade, por meio de uma construção de um determinado imaginário acerca daquelas figuras, que ignora as subjetividades desses indivíduos e os anula quase que por completo. Ao longo deste um ano de pandemia do coronavírus no Brasil, viemos testemunhando a supressão das necessidades básicas dos grupos vulneráveis e em risco, como

as das pessoas em trajetória de rua, com deficiência, vivendo com HIV/Aids, com sofrimento ou transtorno mental, LGBTQIA+, da população negra, ribeirinha e indígena, de trabalhadores do mercado informal, como catadores de material reciclável, artesãos, camelôs e, especialmente, de prostitutas, nosso foco nesta pesquisa.

É possível delinear uma cronologia de exclusão social que perpassa diversos grupos ao longo da história brasileira. No entanto, as mais afetadas são as mulheres - especialmente negras, indígenas e quilombolas - por sua já presumida desigualdade em relação aos homens e pela supressão de direitos que proporcionem certo nível de equidade e ofereçam o mínimo de segurança para essas. A partir desta questão, podemos inferir que as mulheres são o grupo mais abalado pela pandemia do novo coronavírus no Brasil, em diversos aspectos - como com o sofrimento psicoemocional, violência doméstica, sobrecarga de trabalho e, em particular, com o desemprego. Situação que foi, de certo modo, prevista pela escritora e filósofa Simone de Beauvoir, ao pontuar que as primeiras pessoas a perderem ou terem violados os seus direitos durante uma crise religiosa, política, socioeconômica são as mulheres, as quais sempre deverão manter-se em estado de atenção em sua luta. (BEAUVOIR, 1991).

A busca das mulheres por direitos tangencia vários aspectos da vivência feminina na sociedade, e cada coletivo tem suas diferentes problemáticas e demandas. Algumas pautas são de interesse geral do ser mulher e, portanto, se mostram mais abrangentes, como aquelas que tratam dos direitos sexuais e reprodutivos - a legalização do aborto é um exemplo. Temáticas como essa são amplamente debatidas, e é possível acessar facilmente ideias e opiniões sobre o assunto, oriundas tanto de quem se posiciona contra quanto quem se posiciona a favor. Além disso, o poder legislativo se apropria desses tópicos para torná-los legais ou não e, assim, estabelecer a premissa necessária para a implantação de políticas públicas que respondam às demandas coletivas (sejam elas direcionadas à saúde pública ou à moral proibicionista).

O funcionamento adequado de políticas públicas direcionadas à mulher no Brasil se mostra quase que totalmente condicionado às ações do Sistema Único de Saúde (SUS) e dos gestores e legisladores municipais. No entanto, ao se pensar em mulheres em situação de extrema pobreza, em condições precárias de vida ou que vivam da prostituição, a situação se torna ainda mais complexa e delicada. Ao pensar nessas figuras, é necessário visualizar e capturar toda a subjetividade e fragilidade que envolve o microcosmos de cada uma delas.

As mulheres profissionais do sexo, sobretudo, são atravessadas por uma gama de questões - como o julgamento ético-moral coletivo da sociedade; o julgamento por parte de

diferentes indivíduos em seu próprio círculo social; a invisibilização promovida pelos gestores e agentes públicos; violência; fome e miséria; condições insalubres de trabalho; ausência de direitos trabalhistas; Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's); gestações não planejadas e, por conseguinte, possível exposição ao abortamento inseguro; "excomungação", ou ser renegada por parte de determinados cultos e religiões; entre outras diversas dificuldades - que ganham diminutas particularidades, de acordo com a natureza de cada mulher, individualmente.

Não obstante, promover um olhar diligente sobre essas mulheres é uma tarefa difícil no Brasil, que tem mais da metade da população convertida às religiões cristãs de viés conservador. Historicamente as mulheres prostitutas são renegadas por motivos diversos que se convergem em um ponto básico: liberdade sexual. A prostituição constitui-se basicamente em ganhar dinheiro por meio de uma transação que envolve a realização de práticas (com o próprio corpo e/ou sexualidade) acordadas entre a trabalhadora sexual e seu cliente, o que cria um cenário favorável à misoginia, animalização[1], objetificação e desumanização dessas mulheres, pois o sexismo, a religião, os estigmas sociais e os estereótipos de gênero não aprovam a mulher que conhece a si mesma e à sua sexualidade - isso já há séculos - e este pensamento continua arraigado na consciência coletiva sobre quais são os padrões de comportamento esperados de uma mulher - e a liberdade sexual, domínio e poder de decisão sobre o próprio corpo certamente não estão inseridos nesses parâmetros, já que vão contra os valores falocêntricos e conservadores da sociedade moderna e contemporânea.

A junção de todas essas questões se configura em uma falsa emancipação para as mulheres prostitutas, muitas vezes traduzida em desamparo. A luta pela sobrevivência, a busca por uma forma menos prejudicial de exercer a profissão, possíveis vícios e as demandas do dia a dia são agentes que podem condicioná-las a uma apatia em se tratando de ativismo, luta por direitos e ocupação de espaço. As dificuldades do cotidiano as absorvem de modo ainda mais cruel do que com os outros trabalhadores.

Então, a presença de lideranças femininas que busquem conquistar direitos e mobilizar ações em prol das trabalhadoras sexuais é de suma importância para toda essa classe de mulheres. Em Minas Gerais, mais especificamente em Belo Horizonte, uma das referências neste trabalho é o Coletivo Clã das Lobas e, em especial, a trabalhadora sexual e ativista pelos direitos das trabalhadoras sexuais Maria de Fátima Muniz, conhecida também como Jade. Ela mobiliza ações que contemplam as trabalhadoras sexuais atuantes nos hotéis

[1] Ver ADAMS, Carol J.: 2018, p. 284

da Rua Guaicurus, em mais localidades de Belo Horizonte e em algumas outras cidades do Estado. Jade já atuava neste tipo de movimento antes da pandemia do novo coronavírus, que agravou ainda mais a insegurança das trabalhadoras sexuais e seus dependentes, o que aumentou sua carga de trabalho em prol do coletivo, mas que também destacou a importância de se empregar estes esforços - já que eles beneficiam mulheres em situação de risco e, muitas vezes, seus filhos pequenos.

Histórias como a dela são praticamente invisíveis - ou estereotipadas - aos olhos da grande mídia e de boa parte da sociedade, e muitos dos que as enxergam não se sensibilizam o suficiente para se engajar à causa. A vida dessas mulheres tem sido sobrecarregada para além das aflições do cenário cotidiano pré-pandêmico. As vivências agora envolvem inúmeras fraquezas e opressões, como violações de direito, agressões e prisões parciais por parte da força policial ou guarda municipal, insegurança alimentar, falta de condições para aquisição de itens essenciais à sobrevivência, insalubridade no trabalho por risco de exposição ao COVID-19, falta de atendimento nas unidades de saúde, entraves para a aquisição gratuita de métodos de contracepção, prevenção e tratamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), entre outras questões que estão ligadas a serviços que são (ou deveriam ser) oferecidos gratuitamente pelo Sistema único de Saúde (SUS) ou por outros setores de assistência social do município, e que não estão sendo prestados.

As causas para essas problemáticas que afligem tais mulheres podem ser diversas, desde uma possível má gestão, logística e distribuição de serviços e produtos para atendimento dessas mulheres até a sobrecarga completa das unidades de saúde, em função do assombroso número de pacientes com COVID-19; existe ali uma questão a ser respondida, por meio de um questionamento, à nível de cobrança, a ser realizado… por quem? Por diversos profissionais e pessoas, inclusive, pelo jornalista. A imprensa pode ser um agente positivo nessa situação - atuando como ponte entre as trabalhadoras sexuais que buscam respostas para as suas demandas, e os agentes responsáveis por atendê-las e garantir que sejam, no mínimo, acolhidas - ou, ainda, agir como um agente passivo, em busca apenas de registrar a lida das trabalhadoras sexuais durante a pandemia.

O jornalista que busca produzir conteúdo de relevância, que tenha um impacto social positivo, tem aí a oportunidade de agir. Esses são valores que guiam o Jornalismo em sua origem, segundo Ciro Marcondes Filho:

> O jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa. Ele expande-se a partir da luta pelos direitos humanos nesta que foi a 'revolução símbolo' da destituição da aristocracia, do fim das monarquias e de todo o sistema absolutista herdado da

> Idade Média, assim como da afirmação do espírito burguês. (MARCONDES FILHO: 2002, p. 10).

É necessário que este profissional disponha de um olhar analítico e expandido ao visualizar o mundo ao seu redor, para conseguir identificar esse tipo de pauta organicamente - como ao acompanhar os indicadores sociais que revelam o desamparo das mulheres e, a partir dali, pensar nas suas realidades críticas, como a das trabalhadoras sexuais; essas informações estão em diversos lugares, mas não necessariamente na mídia tradicional, então este tipo de reportagem amplifica os horizontes do Jornalismo e leva a realidade dessas mulheres àqueles que não estão diretamente inseridos nela, mas que convivem no mesmo corpo social do qual elas fazem parte e, portanto, têm pontos afins em suas realidades. Assim, a veia política do Jornalismo se manifesta ao elucidar questões que se fundamentam na realidade humana:

> Como visto, atualidade e periodicidade são atributos que acompanham o jornalismo em seu percurso histórico. Em conexão com os aspectos que foram denominados gnosiológicos e político-discursivos, é interessante considerar que a conformação formal-funcional do jornalismo funciona como sua característica fundante, em torno da qual se organizam os numerosos modos de apontar, representar, reapresentar, o real, bem como sustentar, no espaço e no tempo, a retórica jornalística. (LOPES: 2013, p. 44)

Essa é uma das mais belas características da comunicação, a sua capacidade de tecer diferentes existências, conectar sujeitos distintos e gerar empatia, por meios e para fins positivos ou negativos. Dessa maneira, realizamos esta pesquisa porque o tema se mostra necessário e urgente.

2.2 O ser jornalista e meu "eu jornalístico"

O jornalismo é um campo de estudos que está diretamente conectado a outras áreas de pesquisa e saber, se mostrando muito abrangente e concentrando uma elevada capacidade dialógica com a realidade. Ser jornalista é conhecer o passado e atuar no presente, contribuindo, assim, com a criação de registros do cotidiano e dos fenômenos sociais nele inseridos, que farão parte do futuro.

Nós, jornalistas, somos atravessados pelas narrativas que nos cercam e, enquanto seres com nossa própria história, identidade e características, nos identificamos com pautas, personagens e acontecimentos com os quais conseguimos nos conectar. Nos é característico buscar, no cotidiano, narrativas que contemplem as problemáticas sociais e satisfaçam a necessidade e curiosidade da sociedade sobre essas:

> Outra característica da maneira de ver desta comunidade interpretativa é também a tendência para estruturar os acontecimentos em torno dos indivíduos. As 'estórias'

> de interesse humano centram-se em indivíduos em situações contingentes ou em paradoxos atuais. Essas 'estórias' salientam a violação daquilo que se espera. Como iremos ver, um dos valores-notícia de construção é a personalização dos acontecimentos (...) (TRAQUINA: 2008, p. 49)

Ater a visão e produção jornalística somente aos fatos consumados pode ser limítrofe para a imensa gama de possibilidades que a produção de conteúdo jornalístico oferece, há um vigor na capacidade de usar a criatividade e o sensível para traduzir e narrar os acontecimentos e experiências sociais. Jornalismo é ponte, conecta universos absolutamente distantes ao trazer à tona uma efervescência de informações que, certamente, são novas para alguém. Jornalismo é travessia, ao cruzar o tempo e o espaço para contar histórias e esboçar as interpretações do real. (MEDINA, 2003)

Durante a minha experiência no curso, percebi que o jornalista vive suas próprias experiências sociais e imersões culturais enquanto narra as experiências sociais vividas por outros. Traçamos nosso próprio caminho enquanto tomamos nota sobre os rumos de outrem, o que faz com que vivamos a nossa história e a de nossas fontes em simultâneo, posto que é muito improvável que nos mantenhamos totalmente impassíveis enquanto lágrimas, sorrisos, vida, morte, dor e amor cruzam nossos caminhos, dia a dia.

Ao longo do processo de graduação, tive a oportunidade de estagiar em vários veículos de comunicação, e ali percebi que minhas matérias sobre fatos cotidianos não necessariamente impactavam ninguém, apenas passavam um resumo ou apanhado de algum determinado acontecimento do dia, o que não me satisfaz. Eu quero não ser limitada, podada, cerceada em minha escrita, ou produzir conteúdos triviais, eu quero fazer poesia sobre e apesar da dureza da realidade e quero conhecer as miudezas que a vida reserva, com esperança, mesmo sem ter motivo algum para isso… eu quero acolher demandas, sorrisos, pedidos.

Senti falta de contribuir na revelação das angústias de alguém, de tecer uma grande narrativa oriunda de uma pequenice rotineira, de poder expor a fragilidade das problemáticas sociais que, por serem tão complexas, são instáveis, efêmeras e embaraçosas. Me é confuso escrever uma matéria policial sobre a apreensão de um menor por tráfico de drogas baseada em releases e boletins de ocorrência divulgados pela própria polícia (que geralmente apresentam linguagem depreciativa ao referir-se aos detidos), quando eu só penso nos motivos que levaram aquele adolescente ao tráfico, ou na cor de sua pele, se vive em situação de fome e pobreza, se teve acesso adequado à educação e, ainda, o que o condicionou àquela situação. Me sentia, e sinto, como que indo à missa para adorar ao diabo e isso me dói porque

não responde às minhas inquietações e necessidade de ação e intervenção por uma mudança social:

> Podemos perceber que toda positividade nova que se estabelece no mundo desencadeia uma nova negatividade, que todo cheio provoca um oco, que toda saciedade chama uma angústia, que a marcha do homem se realiza na dialética da satisfação e da insatisfação, que os progressos deslocam a finitude e a particularidade do ser humano sem reduzi-las. Mas, ao mesmo tempo, podemos perceber que, se não há resposta mágica para as contradições da existência, estas estão em movimento, e esse movimento pode criar respostas, também em movimento. (MORIN: 1997, p. 180)

Eu não quero ser uma jornalista que silencia, julga, desrespeita ou fere ninguém com minhas escritas, eu gostaria de me manter atenta e sensível às vulnerabilidades que nos cercam. Essas são as poéticas do cotidiano e lê-las, interpretá-las, escrevê-las e vivê-las nos transforma enquanto comunicadores e seres humanos, e o meu maior desejo é me manter humanizada e atenta, transformando e trans narrando a realidade que me cerca enquanto essa me transforma enquanto indivíduo e profissional. É possível e necessário acreditar que nossa técnica pode semear afetos e contribuir para a renovação:

> Que será desses fermentos, desses sucos, na medida em que o homem se tornar cada vez mais preso pela prodigiosa aventura técnica que lhe abre não só os horizontes cósmicos, mas as possibilidades de uma transformação interna radical, de uma mutação inaudita? Há demasiadas variáveis emaranhadas, demasiadas incertezas, uma tensão pré-apocalíptica grande demais para que ousemos prever. Mas, talvez, sob nossos olhos e por fragmentos desconjuntados, já se delineie o esboço simiesco - o *cosmopithekos* - de um ser (dotado de mais consciência? e de mais amor?) que poderia encarar o devir e assumir uma condição cósmica. (MORIN: 1997, p. 181)

Portanto, eu busquei e tentei trazer essa necessidade pulsante para realização da pesquisa e elaboração do produto da mesma.

2.3 Humanização: ressignificar o jornalismo tecendo sentidos e vivências

O fazer jornalístico se molda e adapta de acordo com os pormenores e componentes do cenário e narrativa elucidados, o que o determina está não somente na técnica - qual área do Jornalismo, caráter do repórter, singularidades das fontes, demandas ou linhas editoriais propostas pelos veículos de comunicação responsáveis pela difusão do produto, entre outras diversas causalidades - como também no cenário da cultura e sua natureza, que podem ser fatores de influência neste processo de criação:

> A cultura de massa é o produto das técnicas modernas; ela traz sua parte de abstração, substituindo as imagens pelos corpos, mas é ao mesmo tempo uma

> reação contra o universo das relações abstratas. Ela opõe ao real abstrato e coisificado a desforra imaginária da qualidade e do concreto. Ela humaniza, pela técnica, contra a técnica, povoando o mundo técnico de presenças -vozes, músicas, imagens. Assim como os arcaicos estavam cercados de fantasmas, espíritos, sósias onipresentes, também nós, civilizados do século XX, vivemos em um universo em que a técnica ressuscita essa magia antiga. (MORIN: 1997, p. 168)

Entender o valor de se ter um pensamento expandido para viver o jornalismo, trazendo diferentes métodos e meios para fazer o trabalho, é ressignificar feridas, dores e erros cometidos por parte da imprensa - com fontes, leitores, histórias e tantos outros aspectos que podem ser maculados por uma escrita ferina e desumana. O jornalista contemporâneo precisa conhecer os erros e acertos de nossa imprensa, não para repará-los ou promover uma inquisição contra quem os cometeu, mas sim para não repeti-los. Temos recursos - em termos de conhecimento - suficientes para criar produtos que sejam multidisciplinares e, principalmente, humanizados. Para isso, é preciso assimilar que o nosso lugar enquanto comunicadores consiste, basicamente, numa relação horizontal com a fonte, reconhecendo, por conseguinte, o lugar do outro e compreendendo-o por meio do nosso pensar e sentir e assimilando a nossa comunhão com ele.

O que nos emociona nos torna e faz reconhecer enquanto humanos, traz afetividade e sensibilidade para nossas relações e interações, nos proporciona inteligência e maturidade emocional em nossas produções e contribui para uma compreensão mais aprofundada da realidade (tanto da parte dos comunicadores quanto daqueles que consomem nossos produtos) por meio dessa assimilação:

> Estética ou estesia são de fato designações aplicáveis ao trabalho do sensível na sociedade. É um tipo de trabalho feito de falas, gestos, ritmos e ritos, movido por uma lógica afetiva em que circulam estados oníricos, emoções e sentimentos. A emoção é o que primeiro advém, como consequência da ilusão que fazemos de caminho para chegar à realidade das coisas. (SODRÉ: 2006, p. 46)

Com isso é possível estabelecer um diálogo com o contexto social das fontes, em um cenário no qual o repórter realiza uma "interação sutil", esquematiza e constrói a sua reportagem de aprofundamento. Ao mesmo tempo, busca fazer inferências sobre identidade cultural e compreensão do cotidiano, dos tempos e espaços, da atualidade e realidade. Essa compreensão é mais um fator que contribui para a humanização da pauta, já que também inclui perscrutar as vivências das fontes, captar o outro onde ele se encontra, não maculando sua dimensão histórica e pessoal, e acessar um pouco de seu universo sem se apropriar dele.

O cenário ideal para vivenciar uma imersão na reportagem consiste, primordialmente, em não se alienar na insegurança e adentrar no mundo do outro. O jornalista pode fazer a

criação de um estilo próprio, conectando-se ao presente. De modo a viver as situações sociais e reconhecer ali o protagonismo humano e seu valor, assim atuará como um mediador social na relação sujeito-sujeito. (MEDINA, 2003)

O repórter pode, inclusive, trazer seus próprios pensamentos e apontamentos na produção, pois o jornalismo tradicional de narrativa impessoal pode não ser suficiente para abarcar a dimensão ou complexidade de determinados assuntos. Além disso, o repórter pode encontrar-se escrevendo ou produzindo pautas com as quais ele se identifique ou tenha uma relação afetivo-emocional com o tema, ao ser designado para redigi-las por seu superior ou por necessidade; logo, não incluir a sua perspectiva ou opiniões sobre poderia representar uma perda de oportunidade de inserir um toque próprio, que personifica essa intermediação entre o jornalista, a realidade pautada, a sua realidade, as subjetividades das fontes e as suas. O conceito de tecer sentidos e vivências parte dessa premissa, se ancorando também no fato de que o jornalista não precisa, necessariamente, se desvincular de suas emoções quando pode explorar essa multiplicidade de questões que se atravessam. (MEDINA, 2003)

As narrativas da contemporaneidade precisam considerar e compreender os desafios que as fontes encaram no contexto social, político, financeiro, cultural, e todos os grandes enfrentamentos de quem vive e sofre a atualidade e a realidade. A dimensão ética, técnica e estética da narrativa elucida histórias que recuperam os significados da experiência social, em que o jornalista atua como um intermediador:

> A contemporaneidade, tal qual as percepções traduzem em narrativas, oferece inúmeros desafios não só ao cidadão nela situado com relativo conforto, como ao que carrega o fardo da marginalização de qualquer origem - social, étnica, cultural ou religiosa. Enunciar um texto que espelhe o dramático presente da história é, a princípio, um exercício doloroso de inserção no tempo da Cidadania e da construção de oportunidades democráticas. Ao se dizer, o autor se assina como humano com personalidade; ao desejar contar a história social da atualidade, jornalista cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas; ao traçar a poética intimista, que aflora do seu e do inconsciente dos contemporâneos, o artista conta a história dos desejos. Da perspectiva individual, sociocomunicacional ou artística, a produção simbólica oxigena os impasses do caos, da entropia, das desesperanças, e sonha com um cosmos dinâmico, emancipatório. (MEDINA, 2003, p. 48)

O jornalista pode conduzir diversos processos, enquanto também os vivencia, para produzir conteúdos que contribuam para a construção do signo da interação social transformadora.

2.4 As subjetividades na narrativa jornalística e sua conexão com a literatura

As produções jornalísticas trazem, costumeiramente, diversos conteúdos em seu corpo, os quais, geralmente, foram fruto de pesquisa e apuração plural e polifônica. Contudo,

apesar disso, é frequente que a práxis jornalística se condicione a padrões estáticos que podem resultar em um conteúdo previsível e monótono. A problemática, na realidade, não está na previsibilidade das produções, e sim na forma de conduzir a apuração e elaborar o produto final fruto da mesma, que acaba sufocando os protagonistas da cena viva - os quais reagem aos acontecimentos ao seu redor de acordo com o seu tempo - uma vez que é impraticável sintetizar, em poucas linhas, seu universo cotidiano caótico e transcendente.

A pressa em produzir narrativas, frequentemente impede que o repórter vivencie experiências mais profundas, especialmente quando todos os caminhos de interpretação da realidade desembocam na condição humana. Os ritmos econômicos e políticos não coincidem com as pulsões do indivíduo, com as pulsações culturais; a respiração da sociedade reflete os anseios profundos e delineia suas micro identidades; ancestralidades comuns convivem com as diferenças culturais; cabe à comunicação social tecer redes de significação que possam promover verdadeira sensibilização e abrir espaço para a dialogia. (MEDINA, 2003)

Atualmente, as mediações de sentidos exigem maior amplitude de pesquisa e estudos que as amparem, além de uma densidade no olhar direcionado às complicações e complexidades:

> No pensamento espinosiano, o corpo humano é uma multiplicidade ou uma complexidade, composta de corpos diversos, cada um dos quais, por sua vez, implica outras composições'". Tal complexidade torna-o capaz de afetar e ser afetado por corpos externos, com os quais interage no meio circundante. Alma e corpo são a mesma coisa, apenas manifestada de formas diferentes, tendo a corporeidade relevância e precedência, uma vez que a alma é a sua ideia ou a sua representação. É a capacidade de associação entre ideia e corpo que suscita a imaginação. Esta se eleva no plano do conhecimento e faz da corporeidade uma potência afirmativa do ser. (SODRÉ: 2006, p. 23)

Um momento de crise pode agravar ainda mais a invisibilidade e a fragilidade dos personagens cotidianos, e é impraticável ao jornalista estar globalmente alerta. Contudo, existem alternativas possíveis para manejar esta questão - ele pode simplesmente escolher quais temáticas e pautas vai cobrir, ou pode mudar seus métodos. É possível adotar práticas transdisciplinares e plurais para que seja contemplado um todo, abarcado todo o poder do conteúdo de uma narrativa real, sem que o expositor absorva ou invalide trechos e emoções para aproximá-la de sua própria visão ou história, em seu benefício. Para responder às novas demandas que têm surgido aos jornalistas, é necessário que estes se dispam de suas certezas e permitam que noções expandidas substituam conceitos e pré-conceitos dogmáticos e ultrapassados, na prática da reportagem. (MEDINA, 2003)

Essa requisição por mudanças nos registros jornalísticos surge por meio da necessidade de representação de grupos historicamente anulados pela produção midiática *mainstream*; além disso, algumas pautas se apresentam demasiado complexas para serem bem desenvolvidas em um produto limitado. E é aí que o jornalismo passa a flertar com a Literatura que, sabidamente, explora as subjetividades, o sensível, a criatividade e o campo do imaginário como um todo. Ela vem como um complemento funcional à escrita jornalística e, como oposição ao modelo convencional de produção - baseado nas técnicas do *lead*. O pesquisador Felipe Pena, referência na área, expõe:

> Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2005, p. 13, *apud MAGALHÃES, 2018, p. 6*).

Há uma interseção entre jornalismo e literatura na busca por práticas de escrita e expressão que explorem essas histórias de interesse humano, e existe também uma conexão real entre as subjetividades na narrativa jornalística e na Literatura - um bom exemplo disso é que na literatura, muitas vezes, o autor precisa realizar pesquisas e imersões para criar suas histórias e detalhar as subjetividades de seus personagens, e o jornalismo vivencia isso, de uma forma diferente, ao fazer uma imersão no processo de apuração, nas entrevistas, na linguagem corporal, expressão oral e nas características do entrevistado, dando atenção a cada pequeno detalhe durante a troca com a fonte, o que faz total diferença na construção da narrativa e da qualidade do produto final.

A expressão e manutenção dos paradigmas silencia, quebra e anula o enfrentamento e mergulho na dor (que vem da rua, do cotidiano, da incansável luta pela sobrevivência e existência). As ideologias engessam as subjetividades tanto quanto os paradigmas, anestesiando-os. O comunicador busca, garimpa, significados contemporâneos... ele está atrás da realidade subjetiva, da verdade de seus personagens - eu acredito que esta seja a motivação pela qual alguns livros e produções como os de Euclides da Cunha, Carolina de Jesus, Eliane Brum, Daniela Arbex, entre outros autores brasileiros e estrangeiros, sejam tão apreciados - que toca e invade aquilo que nos torna humanos. A responsabilidade social se tece na compreensão da sociedade complexa; na intertextualidade coletiva devem acontecer processos fora dos limites da consciência - para que essa não seja amparada na racionalidade - absorvendo poéticas e o recado íntimo do 'humano ser'. (MEDINA, 2003)

O comunicador pode estabelecer diálogos sociais, deslocar-se do signo autoritário para o dialógico por meio desses, desenvolvendo e praticando sua competência comunicativa (e dialógica). Qualidades essas que talham um comunicador social sensível e aberto ao desenvolvimento de seu espectro criativo que, no entanto, não perde o olhar sagaz do repórter investigativo, diante das mudanças no cenário sociocultural. Não é mais aceitável, ou sequer factível, que os comunicadores continuem ignorando as demandas de sua própria área de trabalho - que também são comunitárias. Há uma carência criativa na comunicação social, uma necessidade de invocar a poética para implantar cidadania, democracia e respeito - para narrar as histórias de vida com vivacidade, para que a comunicação social alcance o patamar de comunicação humana, interpretando a realidade e as condições da mesma:

> A realidade que advém daí não é o que a metafísica chamaria de essência. Não é o que os empiristas cravariam como o mundo palpável, mas uma síntese mental, uma moldura perceptiva, uma interpretação, uma tendência de sentido. O jornalista é, portanto, intérprete. Não um intérprete qualquer. Ele trabalha sobre um substrato de vestígios, testemunhos e elementos, constrói um contexto para o fato por ele isolado. (PEREIRA JUNIOR: 2010, p. 30)

As críticas às problemáticas na relação entre os jornalistas e sua forma de trazer determinados temas à luz do conhecimento social podem ser fundamentadas nos estudos da Ética - que é o estudo dos juízos de valor (bem/mal) aplicáveis à conduta humana, no todo ou em um campo específico - e da moral - que é o conjunto das regras de conduta consideradas eticamente válidas - na comunicação. Existem complicações e controvérsias que envolvem o formato da escrita e narrativa jornalística acerca de temas sociopolíticos, que pode ser carregada por preconceitos e distorções quando o que é moralmente necessário não atua como norteador para o que realmente deve ser feito, portanto o uso da ciência do dever e da obrigação e sua aplicação nos sistemas morais da comunicação se mostram necessárias na prática jornalística, em especial ao tratar de temas que envolvem delicadezas e subjetividades (como a prostituição). Tendo em vista que há coisas obrigatórias e coisas permitidas nos diferentes sistemas morais, a ética não pode ser generalizada em mandamentos; existe um código de ética dos jornalistas brasileiros que determina, entre outras questões, que o jornalista deve fazer recurso da ética em sua relação com as fontes e que o público tem o direito de ser informado daquilo que é de *seu real interesse* independente de ser ou não curioso em relação a isso, é uma obrigação do jornalista fazer recurso de seus conhecimentos para informar e prestar serviço público sem estabelecer conexões de coação, silenciamento e violência contra seus leitores ou suas fontes. (LAGE, 2001)

Os mediadores sociais são autores com suas próprias personalidades, culturas e grupos. Não há como o comunicador despir-se de si mesmo para atuar, ademais, as sociedades contemporâneas exigem cada vez mais um agente cultural sensível e capacitado para mediar indivíduos, coletivos e comunidades, em uma rede comunicacional - a qual seria de grande relevância já que tanto o poder econômico quanto o poder político dependem do poder simbólico, ou seja, a capacidade cultural de criar novos sentidos e de interferir no mundo material, no mundo natural, no mundo humano. (MEDINA, 2003)

> Partilhar a visão de mundo do outro, dela extrair a utopia humana e ampliar a competência técnica e científica na narrativa solidária não é uma miragem, é uma possibilidade. A arte que o confirme. Desde sempre os artistas registram o sonho como marca que transcende a sociedade e a cultura. (MEDINA, 2003, p. 80)

Acolher os sentimentos e emoções da fonte e analisar o meio em que ela está inserida são maneiras de expandir os horizontes da pauta. Entretanto, o jornalista pode trazer sua própria cosmovisão em sua práxis, canalizando suas inquietações, anseios e apreciações em seu próprio trabalho - seja ele austero ou poético e descontraído. A vida imita a arte? A arte confirma a vida?

2.5 O sentir no fazer jornalístico

O jornalismo é uma profissão que envolve confluir ideias, vozes, personagens, tempos, histórias e inúmeros outros aspectos em uma narrativa, que, inevitavelmente, se torna um produto a ser capitalizado e comercializado. Vende-se fatos, no entanto não vende a pequenez dos sentimentos, não vende pessoas, ou, na verdade, não deveria fazê-lo - já que, infelizmente, temos alguns exemplos de casos em que o furo valeu mais que a vida na história da imprensa. E esses casos envolvem diversas problemáticas que, se analisadas, provavelmente revelarão que faltaram sentimentos durante o processo de produção noticioso, ou, ainda, falhou-se em reconhecer e zelar pelos sentimentos de alguém. Os sentimentos e emoções nos são características inerentes, que representam muito daquilo que nos torna humanos, e, sobretudo, nos faz reconhecer nossos semelhantes como também o sendo.

Emoções... as reações básicas e universais que temos a determinados estímulos recebidos do meio, frutos de uma inevitável troca entre o ser e sua existência. Sentimos porque existimos, existimos porque sentimos, e se sentimos, reagimos. Somos seres reativos, emoções não nos são fraquezas. Apesar disso, a emoção foi considerada por muitos filósofos e estudiosos como algo negativo, e ainda é tida como um ponto a ser evitado no Jornalismo -

o que é um paradoxo, visto que, muitas vezes, a falta da emoção é um dos fatores que enfraquece a narrativa, a desvincula do sensível no real.

> Nessas condições, vocês poderão entender que os filósofos clássicos tenham a tendência - como o fortão da escola que zomba de você na hora do recreio porque você tem um jeito "patético" - a considerar a emoção como uma fraqueza, um defeito, uma impotência. De um lado, a emoção se opõe à razão (que, de Platão a Kant, os filósofos em geral consideram ser o que há de melhor). De outro, opõe-se à ação (quer dizer, à maneira voluntária e livre de conduzir a vida adulta). A emoção seria assim um impasse: impasse de linguagem (emocionado, fico mudo, não consigo achar as palavras); impasse do pensamento (emocionado, perco todas as referências); impasse de ação (emocionado, fico de braços moles, incapaz de me mexer, como se uma serpente invisível me imobilizasse). (DIDI-HUBERMAN, 2016, p.21)

Pensar na questão de que há uma visão coletiva sobre fraqueza, ou até mesmo loucura, em expressar as emoções, é um ponto que tange minhas próprias memórias. Curiosamente, para entender a jornalista que me torno atualmente, preciso voltar ao meu passado. Inquietações acerca dos sentimentos e emoções me perseguem há mais tempo do que consigo calcular, sempre escrevi e produzi poesias e textos - guardo um acervo pessoal de escrita que contém poesias produzidas, por exemplo, em 2007, quando eu tinha 11 anos de idade - que continham tudo o que não cabia em mim, expressando absolutamente tudo o que eu não conseguia falar, eram a mais pura essência de todas as minhas emoções. Eu vivia em completo impasse:

> Um impasse se dá quando a gente não passa: é uma noção negativa. Muitos filósofos falariam da emoção como algo unicamente negativo: a emoção não é isso, não pode aquilo etc. Kant, por exemplo, disse que a emoção é apenas um "defeito da razão", uma "impossibilidade" de refletir e, até mesmo, uma "doença da alma": não somente as grandes tristezas como também a "alegria exuberante", dizia ele, são "emoções que ameaçam a própria vida". (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 21-23)

Hoje posso concluir que encontrei no Jornalismo um remédio para a minha desgastante necessidade de registrar o mundo. Para isso, no entanto, preciso incutir nele (o ato de fazer Jornalismo) o meu sentir, de modo a oferecer os meus sentimentos e emoções como um recurso de interpretação, apresentação e expressão da realidade, caso contrário a cura se torna doença. Acredito que o sentir no fazer jornalístico dilata a relação com cada um dos componentes da produção, potencializa as trocas com as fontes e torna a narração verossimilhante, ainda que no Jornalismo convencional a demonstração de emoções por parte do repórter pareça irrelevante e, em alguns casos, anti-profissional.

Não obstante, a pandemia do novo coronavírus, que provocou mudanças profundas em todos os setores e aspectos da sociedade, trouxe uma reviravolta no cenário jornalístico,

tradicionalmente impessoal. Os espectadores do universo noticioso sempre estiveram sujeitos e tiveram legitimidade para se emocionar com algumas narrativas, e agora o mesmo acontece com o repórter. Acredito que um fator comum entre as pessoas que acompanharam (e ainda acompanham) a cobertura midiática ao longo da pandemia do coronavírus, foi testemunhar os jornalistas e comunicadores se comoverem e, até mesmo, derramarem lágrimas ao longo da reportagem. Choram ao vivo, isso por saberem a profundidade e a dimensão de tudo o que está acontecendo, eles se conectam com todos os possíveis universos, afetos e problemáticas - o das vítimas, dos médicos, das famílias, dos cientistas, dos governantes, entre outros dos inúmeros elementos e vieses que compõem a pauta-tema pandemia de coronavírus no Brasil - ali… ora, o que é isto se não o sentir no fazer jornalístico? As emoções do repórter têm, sim, valor na narrativa, e ser ortodoxo em momentos que pulsam emoções, transbordam uma infinidade de subjetividades e escancaram problemáticas e complexidades é, no mínimo, cafona e ultrapassado. Vivenciar a emoção é assimilar a realidade.

> Mas se a emoção é um movimento, ela é, portanto, uma ação: algo como um gesto ao mesmo tempo exterior e interior, pois, quando a emoção nos atravessa, nossa alma se move, treme, se agita, e o nosso corpo faz uma série de coisas que nem sequer imaginamos. Desde então, outros filósofos quiseram se dedicar a descrever o gesto da emoção. Por exemplo, Jean-Paul Sartre dirá que, ao contrário de nos afastar do mundo, a emoção é uma maneira de perceber o mundo". Mais tarde, Maurice Merleau-Ponty dirá que o evento afetivo da emoção é uma abertura efetiva - uma abertura: o contrário de um impasse, portanto, um tipo de conhecimento sensível e de transformação ativa de nosso mundo. (DIDI-HUBERMAN, 2016, p.26)

A estética do sentir transforma a comunicação tradicional, promovendo um intercâmbio valoroso entre seus saberes e outras áreas de conhecimento - como a Filosofia, a História, a Antropologia, a Arte, e muitas mais - que, frequentemente, comporão boa parte do embasamento para a construção de uma narrativa sólida e sensível, lastreada também nas subjetividades:

> Com o advento deste segundo Novo Jornalismo, o jornalista passa a ser encarado como um intérprete activo da realidade enquanto o jornalismo se perspectiva como um fenômeno da mente e da linguagem. Mesmo se o acontecimento continua a ser o principal referente do discurso jornalístico, passa, porém, a ser a perspectiva do jornalista, impressionista e subjectiva, a constituir o centro da enunciação. Numa abordagem fenomenológica da questão, de alguma forma entende-se que é impossível o sujeito obter conhecimento total do objeto. O objecto pode ser compreensível, no todo ou em parte, nunca cognoscível na totalidade. "Foi assim que eu percebi o que se passou!" passa a ser não apenas uma realidade para o jornalista como também um argumento para a assunção da subjetividade. Mas, desta maneira, também o acontecimento passa a ser considerado um fenômeno da interação entre a mente e a linguagem. (SOUSA: 2001, p. 30)

Estar aberto às próprias emoções dentro de uma vivência no momento presente expande o seu sentir e enriquece as experiências de criação. Além disso, resgatar a nossa própria história dentro de nossas concepções jornalísticas pode ser uma boa forma de honrar e curar nosso passado, dando voz aos desassossegos, canalizando-os do plano sensível para o da ação.

2.6 A Nova História como recurso jornalístico e o jornalismo como recurso histórico

Pesquisar, analisar e registrar os acontecimentos e fenômenos sociais, nem sempre foi uma questão considerada de fato relevante nos campos de estudo. Essa cultura surgiu após o fim da Idade Média. Apesar disso, existem alguns registros históricos - sejam eles artísticos, religiosos, filosóficos, etc. - que dão conta de alguns detalhes sobre a sociedade de sua época e seus indivíduos, que serviram de combustível para indagações acerca do comportamento social em inúmeros campos de conhecimento emergentes. O interesse nesse tipo de registro desponta com a Antropologia e Sociologia. A partir daí diversos outros campos de estudo passam a incutir as qualidades, análises e práticas sociais em seu repertório, dentre eles a História e, invariavelmente, a imprensa - que também desabrochava no Brasil, durante o século XIX.

Assim como alguns jornalistas, no passado, certos historiadores buscavam imparcialidade em seus estudos e registros, sendo neutro em relação à sua fonte e fazendo trocas isentas com a mesma, que atuava apenas como um meio para a obtenção de informações a serem catalogadas e registradas. Contudo, com o surgimento de novas correntes de pensamento filosófico, a partir da segunda metade do século XIX, uma nova demanda urgente aparece: a necessidade de se transmitir as narrativas dos explorados e excluídos. E quem melhor para contá-la, do que os próprios atores marginalizados? A história passa a registrar esses acontecimentos, tanto quanto a imprensa e, ainda, fazendo recurso desta.

> A partir de debates levantados pela própria tradição historiográfica marxista, os historiadores tiveram as obras abertas para novos estudos e novas fontes, quando passaram a ter importância temas como as lutas de classe, os excluídos da história e as relações entre produto e produtores. Neste contexto, a utilização da imprensa escrita como fonte de estudo através da divulgação e análise do seu discurso se tornou essencial para a compreensão das representações do pensamento e dos imaginários de determinadas épocas. Esta preocupação com as classes até então não estudadas pela historiografia vai lançar um novo olhar sobre as fontes. O historiador foi em busca de novas fontes que propiciem não o estudo de um fato isolado um feito, mas sim agora um estudo de uma classe social suas ansiedades seus ideais. A melhor maneira de estudar o comportamento de uma sociedade e suas mudanças é indo em busca de periódicos de época onde estão representados todos os

> movimentos sociais. Dessa forma o historiador jamais poderá ser imparcial uma vez que faz parte da sociedade a qual está estudando. (AGUIAR e KRENISKI, 2011, p. 2)

Essa troca de informações, transdisciplinaridade, ocorre mutuamente. Assim como a História passou a fazer recurso de produções da imprensa para compor seus registros, o Jornalismo também insere, já há algum tempo, referências históricas externas para enriquecer a fala dos entrevistados e a sua narrativa, construindo um conceito por detrás das informações que transmite:

> Beneficiando da conjuntura histórica, propícia à experimentação e às rupturas (movimento hippie, Maio de 68, Guerra do Vietname, movimentos alternativos, novas formas de expressão musical...), assistiu-se, nos anos sessenta, à erupção de movimentos como o do Novo Jornalismo, ou seja, do **segundo Novo Jornalismo** que nos surge na história. Este segundo movimento de Novo Jornalismo teve duas forças motrizes principais: a assumpção da subjectividade nos relatos sobre o mundo; e a retomada do jornalismo de investigação em profundidade, que revelou ao mundo escândalos como o do Watergate. (SOUSA: 2001, p. 28 e 29)

É possível ao jornalista fazer uma articulação entre os registros históricos, as entrevistas e narrativas dos personagens e sua própria visão e noções para compor e expandir a sua reportagem, tornando-a um rico produto multidisciplinar que responderá à demanda criativa da comunicação social. Podemos entender que transformar a história em um recurso para se assimilar e compor o Jornalismo torna legítimo que a recíproca seja verdadeira, as produções do Jornalismo presente serão ferramentas importantes para se entender e refletir sobre o passado, no futuro. (MEDINA, 2003)

Algumas publicações recentes são bons exemplos de como o Jornalismo pode se associar a outras especialidades para tecer o presente enquanto ele se dá, em prol de conceber registros históricos de um acontecimento que ainda está transcorrendo. Uma dessas, é a coleção Enciclopédia do Golpe, que conta com dois volumes, escritos por meio da contribuição de diversos colaboradores de diferentes áreas de pesquisa e atuação - os livros têm textos de jornalistas, cientistas sociais e políticos, advogados, historiadores, professores, entre outros profissionais de diferentes meios - que, juntos, trazem uma gama de apontamentos sobre o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Esse tipo de contribuição tem um valor de registro factual (enquanto publicação atualizada e que conversa com os fatos e momento presente) e de registro historiográfico de um acontecimento, que serão material de estudo acerca do mesmo no futuro.

Além disso, o Jornalismo também interfere na interpretação e assimilação dos registros históricos, isto por meio da sua capacidade de atuar sobre o imaginário social e de

fruir de sua capacidade estética para produzir novos sentidos do acontecimento humano. Um exemplo marcante de como a narrativa midiática pode criar novos sentidos e interpretações sobre a realidade, é a morte da cantora Cássia Eller. Graças ao discurso midiático e de toda a polêmica que aconteceu em torno da cobertura de seu óbito, grande parte das pessoas associam-no ao uso de drogas e, até mesmo, overdose, quando na verdade a artista morreu por erro médico. É possível fazer um retrospecto às manchetes das principais revistas, à época, e avaliar a estética e informações ocultas transmitidas, destinadas ao campo do imaginário - pintaram-na como uma figura subversiva e *underground*, situação que a família lutou, e ganhou, na justiça para reverter e que, apesar disso, não pode ser revertida na consciência coletiva sobre o fato. Indagações éticas à parte, o jornalismo, neste caso, interferiu sobre a noção do real de uma parte da comunidade, mas não sobre a realidade em si.

Ao intercambiar saberes para contar a história coletiva, o Jornalismo abre uma possibilidade transformadora: a produção sutil, complexa, afetuosa e comunicativa. Manter a força do afeto pode dar margem a um *insight* criativo que concede legitimidade aos sentidos da narrativa, a qual, com sua linguagem relacionadora, se torna sedutora e inusitada. trans narrar o objeto de observação, fundindo nele a nossa experiência, é evitar a racionalidade analítica. Ao usar a emoção como força motriz para desenvolver o projeto, produzimos informação humanizada, vivida e exemplificada na cena cotidiana, no diálogo social, o que aproxima o Jornalismo de uma percepção ensaística, criativa e mobilizada na capacidade racional de estabelecer relações complexas. A construção social dos sentidos acontece na rua, no cotidiano e na oralidade, cujas marcas de estilo revelam a poética dos anônimos que nos contam suas histórias. (MEDINA, 2003)

> Recorrências históricas e, mais ainda, reafloramentos das camadas profundas da cultura dão aval aos atos humanos no presente. Em contraponto ao que se nomeia como atualização, em complementação ao que se apregoa como modernização tecnológica ou econômica, as sociedades se pautam por vários tempos. O tempo que pode ser medido objetivamente pelas máquinas cada vez mais aceleradas não contempla, entre outros, o tempo das subjetividades, o tempo das culturas, o dos mitos. E é nessa trama sutil, subjacente à história, que se tece o tônus de um povo. (MEDINA, 2003, p. 67-68)

Usar da narrativa da atualidade como matéria-prima permite que se construa uma interpretação do presente, além de registros e possibilidades para o futuro. Para fazê-lo, é necessário permitir que outros campos invadam o da comunicação, quebrando o discurso cientificista da objetividade e da busca da verdade, que serve de frágil escudo para defender

práticas jornalísticas reducionistas. O projeto de comunicação inovador deve envolver linguagem dialógica e a criação de narrativas democráticas a serviço da cidadania, usando da emoção solidária para ver e captar os movimentos do outro, registrando-o. (MEDINA, 2003)

Para colher as vivências cotidianas em sua inteireza, com suas máculas e afetos, o comunicador social deve invocar a poética e as simpatias da compreensão. Nessa perspectiva, o movimento do Novo Jornalismo - que está amparado pelo uso da história e atua também como uma ferramenta de registro e documentação na mesma - vem para possibilitar e, inclusive, satisfazer as necessidades do comunicador por uma investigação mais profunda e sensível:

> As raízes do Novo Jornalismo encontram-se não só na literatura de viagens mas também na obra de escritores como Hemingway (*By Line...*) ou Orwell (*Na Penúria em Paris e em Londres...*). Mas é em meados da década de sessenta que essa forma de jornalismo surge como um movimento de renovação estilística, ideológica e funcional nos Estados Unidos. Tom Wolfe, no livro *The New Journalism* (London: Picador, 1975), diz que ouviu o termo, pela primeira vez, em 1965. O movimento do Novo Jornalismo surge como uma tentativa de retoma do jornalismo aprofundado de investigação por parte de jornalistas e escritores que desconfiavam das fontes informativas tradicionais e se sentiam descontentes com as rotinas do jornalismo, mormente com as suas limitações estilísticas e funcionais. (SOUSA: 2001, p. 28 e 29)

Desse modo, construímos esse projeto de pesquisa amparados pelas teorias do Novo Jornalismo, da Nova História e da comunicação sensível em busca de tentar criar um relato conectado com as urgências do tema da prostituição, políticas públicas e ação social na pandemia.

3 SEXUALIDADE, PANDEMIA E PROSTITUIÇÃO

O trabalho sexual é uma profissão que envolve uma gama de questões, sejam elas problemáticas ou não (um debate que não vamos aprofundar nesse trabalho porque não se mostra de fato relevante para o aprofundamento respeitoso no universo da fonte, visto que ela não se considera uma vítima, uma pessoa explorada pela economia política do sexo ou sequer uma figura marginalizada), e envolve a mercantilização do corpo em busca de lucro e renda.

O cenário da prostituição, que é atravessado por diversas circunstâncias em um cenário social usual, foi complexificado ainda mais durante a pandemia, em que a ameaça à biossegurança e a saúde das mulheres e clientes ficou praticamente incontrolável, assim como as demandas e necessidades das trabalhadoras por condições adequadas de vida. As alterações no quadro sociopolítico promovidas pela pandemia acentuaram os efeitos negativos sobre a vivência dessas, que se viram ainda mais expostas a uma série de ameaças -

como fome, situação de rua, doenças, violência e descaso do poder público - e tiveram uma maior demanda por acolhimento e amparo.

O trabalho de Jade e do Coletivo Clã das Lobas já existia antes da pandemia, ela atuava com educação (tanto sexual, quanto no sentido de capacitação das profissionais) e acolhia essas mulheres a suas necessidades, arrecadando doações, zelando pela saúde e segurança delas e produzindo material informativo para a sociedade acerca da vivência das mesmas. Todavia, com a chegada da pandemia e o exponencial crescimento da vulnerabilidade dessas mulheres, Jade se viu ainda mais sobrecarregada e seu trabalho se tornou essencial: ela tomou para a si a responsabilidade de estabelecer pontes entre as trabalhadoras sexuais e o poder público, ONG's que proveram doações diversas (desde máscaras, álcool e produtos de higiene até alimentos e produtos necessários para o trabalho sexual, como preservativos e lubrificantes) e de zelar pela vida dessas prostitutas que não puderam parar de trabalhar.

Uma importante ação realizada por ela em parceria com o Projeto Jornada Izadora por meio do Edital Mina, foi a produção de um manual de saúde mental e redução de danos em tempos de coronavírus para as trabalhadoras sexuais, em que constam diversas informações acerca da doença, como reduzir os riscos de contaminação no ambiente de trabalho, como e onde procurar assistência em saúde em caso de sintomas da doença, como ter acesso a políticas públicas de auxílio emergencial, protocolos de higiene, dentre outras informações que foram de grande importância para a educação sanitária e acolhimento às profissionais. Em minha visita técnica aos hotéis da Guaicurus, realizada em companhia de Jade, eu pude ouvir e testemunhar a gratidão das mulheres por ela e pelo Coletivo, que se responsabilizaram pela atenção primária a essas mulheres.

Ainda nessa perspectiva, as dificuldades trazidas pela pandemia levaram diversas trabalhadoras para a insegurança (no sentido mais amplo da palavra) e isso fez com que Jade buscasse formas de amparar ainda mais essas mulheres... algumas não têm família, apoio ou amparo, não são de Belo Horizonte e não tinham com quem contar. Assim, ela buscou meios de oferecer segurança para as mesmas e foi daí que nasceu a primeira casa de acolhimento para trabalhadoras sexuais e mulheres em situação de vulnerabilidade do país.

Por meio de doações, recursos de editais e apoio de diversas instituições e pessoas simpáticas à causa, ela conseguiu montar esse ambiente, e recebe mulheres cis e travestis que precisam de cuidados e abrigo nessa casa. De acordo com ela e com os depoimentos que colhi de outras trabalhadoras, essa ação foi determinante para oferecer abrigo, alimentação e integridade para diversas mulheres que passam por lá, muitas vezes em situação de extrema

miséria e somente com as roupas do corpo; atualmente a casa é mantida como uma fortaleza para essas garotas, que frequentemente se veem perdidas e encontram ali um espaço de dignidade.

A pandemia dificultou o acesso ao atendimento em saúde para essas mulheres, aumentou o índice de violência para com elas (e para todas as mulheres num sentido geral, visto que o número de denúncias e registros formais de violência doméstica cresceu durante esse período), desestabilizou a implantação e execução de políticas públicas pela saúde e qualidade de vida feminina e fortaleceu a necessidade de representação social pelas mesmas, demandas essas que a fonte e seu Coletivo visualizam e tentam debater e negociar com as instituições:

> Os debates suscitados pelo tema da prostituição no interior do feminismo, inicialmente, e dos movimentos sociais de trabalhadoras do sexo, mais recentemente, tem repercutido de modo substantivo nas iniciativas de políticas públicas orientadas para essa questão. A ênfase em perspectivas mais ou menos abolicionistas, regulamentaristas ou pró auto-determinação, nos termos de Rago (1991), por parte desses e de outros sujeitos políticos com capacidade de vocalização e de influência nos espaços decisórios onde se formulam e implementam as políticas públicas, tem determinado o tom das medidas adotadas nos diferentes países, por instituições na área de direitos humanos, Justiça e saúde, particularmente. (RODRIGUES: 2010, p. 12)

A vida em grandes cidades pode ser muito desafiadora, especialmente para pessoas em situação de vulnerabilidade social, e experienciar o momento pandêmico num contexto sociossexual elevou as problemáticas na vida pessoal das trabalhadoras sexuais. Todavia, apesar de toda a emoção e sentimentos trazidos pela pandemia, muitas mulheres em situação de trabalho sexual permaneceram em seus quartos nos hotéis da Guaicurus, e continuaram atuando para conseguir viver e sustentar os seus dependentes. Essa situação é um exemplo de atitude *blasé*, em que o indivíduo é protegido e liberado a fazer as próprias escolhas diante do cenário de vivência nas grandes cidades:

> Eis porque as cidades grandes, centros da circulação de dinheiro e nas quais a venalidade das coisas se impõe em uma extensão completamente diferente do que nas situações mais restritas, são também os verdadeiros locais do caráter blasé. Nelas de certo modo culmina aquele resultado da compressão de homens e coisas, que estimula o indivíduo ao seu máximo de atuação nervosa. Mediante a mera intensificação quantitativa das mesmas condições, esse resultado se inverte em seu contrário, nesse fenômeno peculiar de adaptação que é o caráter *blasé* em que os nervos descobrem a sua derradeira possibilidade de se acomodar aos conteúdos e à forma da vida na cidade grande renunciando a reagir a ela - a autoconservação de certas naturezas, sob o preço de desvalorizar todo o mundo objetivo, o que, no final das contas, degrada irremediavelmente a própria personalidade em um sentimento de igual depreciação. (SIMMEL, 2005, p. 582)

Isso não significa que o cenário pandêmico se perdeu por completo nas narrativas e subjetividades dessa vivência para as trabalhadoras, ou que elas experienciaram a pandemia de modo alegórico, mas sim que a pandemia interferiu em traços de suas histórias, experiências, emoções e principalmente necessidades, que, muitas vezes, não puderam ser verbalizadas ou sentidas em completude em função da demanda urgente de sobrevivência. A impossibilidade delas de viver totalmente o luto (que toda a sociedade viveu) não significa que seus sofrimentos foram anulados, afinal elas são humanas e sensíveis como todos, e não apenas corpos transantes inertes à realidade ao redor. É de suma importância clarificar que essas trabalhadoras estavam em busca de subsistência, sendo o programa o seu trabalho:

> (...) o programa é a unidade elementar da atividade da prostituta, pois se constitui no momento em que se dá a negociação de rotinas, identidades e disputa pelo controle da interação entre com o cliente, ou seja, negocia-se o tempo do programa, seu preço e as práticas sexuais. (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN: 2005, p. 533)

A mulher prostituta geralmente não se considera vítima, apenas visualiza que sua profissão é distinta de outras (na práxis, mas não no objetivo fundamental, já que a principal motivação e objetivo de todos que trabalham é simplesmente ganhar dinheiro e se sustentar), sendo o *status* estigmatizado direcionado a elas por terceiros, pela sociedade.

3.1 A desumanização do corpo prostituído e sua consequente marginalização no imaginário coletivo

As profissionais do sexo enfrentaram os dilemas da própria profissão durante a pandemia e, em função de todo o contexto proporcionado pela situação, testemunharam suas necessidades e fragilidades crescerem. As subjetividades dessas mulheres são atravessadas por práticas consideradas "imorais e obscuras" no contexto social, o que limita os seus acessos a direitos básicos, contudo é importante vincular as pautas das prostitutas com a das mulheres que não estão condicionadas ao trabalho sexual, pois as temáticas são correlacionadas e sua condição laboral não deveria representar um impedimento para que as profissionais do sexo recebessem e tivessem acesso aos seus direitos básicos que poderiam e deveriam ser universais (enquanto direitos femininos) e trabalhistas (com a regulamentação da profissão). Muitas das limitações vivenciadas pelas mulheres prostituídas têm relação com a marginalização, os estereótipos e estigmas impostos a elas:

> Estereótipos são imagens mentais criadas pelo indivíduo a partir da abstração de traços comuns a um evento previamente vivido. A partir da experiência com uma

> pessoa ou ambiente constrói-se um estereótipo ou representação que permite identificar situações semelhantes - e aplicar a elas a representação anterior. Os traços comuns da experiência anterior são mantidos na memória e comparados com os da experiência atual, garantindo a identificação. Nesse sentido, o estereótipo é um conhecimento imediato e superficial, ganhando em tempo o que perde em profundidade. Essa representação, quando utilizada por um grande número de pessoas, tende a ganhar *status* de verdade. (MARTINO: 2009, p. 21)

Assim, buscamos trazer uma quebra de expectativa dessa visão estereotipada da trabalhadora sexual na escrita do produto, de modo a oferecer uma perspectiva mais ampla e humana acerca da realidade enfrentada pelas trabalhadoras, que a fonte contribui para suavizar, além de apontamentos sobre as ações da mesma e do Coletivo representado por ela.

Jade atua onde o poder público não entra, onde ele não alcança, com as pessoas apagadas pelo sistema; é possível visualizar a invisibilidade das prostitutas e das mulheres que vivem da indústria sexual como um desdobramento, ou decorrência, dos processos relacionados à objetificação e ao ato sociossexual de visualizar o outro (no caso, elas) como seres consumíveis, perdendo-se a figura humana e subjetiva por trás dessa mercantilização do corpo e da sexualidade. Ignora-se a existência de um ser, que é substituído pelo "objeto", apagando tudo aquilo que não se pode "consumir" e criando uma lógica de descolamento dessas mulheres em relação ao meio e àquelas que não exercem o trabalho sexual, de acordo com Carol J. Adams "(...) a dominação funciona melhor numa cultura de desconexões e fragmentação. O feminismo reconhece conexões.", e, para a sociedade orientada por valores patriarcais, essas desconexões facilitam a manutenção do sistema de controle exercido sobre as mulheres.

Tendo em vista o que as trabalhadoras sexuais representam, tanto social quanto historicamente, elas são consideradas ameaças ao sistema moral da sociedade e, assim, têm sido desumanizadas há tempos por sua profissão e papel social subversivo:

> A prostituição constitui-se como uma prática milenar que tradicionalmente tem subvertido o exercício controlado da sexualidade via instituições sociais. Tentativas de controle foram implementadas no passado, variando da satanização, isto é, o controle exercido pela instituição religiosa, passando pela proibição expressa em códigos civis, e chegando, finalmente, nos dias atuais no Brasil, à demanda pela sua legalização, como atividade profissional. (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN: 2005, p. 525)

Todas essas violações e limitações sobre os direitos dessas mulheres são uma violência simbólica praticada contra essas, que contribui para a manutenção de sua marginalização e difamação no imaginário coletivo. O poder de definir quem são essas mulheres, colocá-las num local marginalizado e excluí-las está relacionado aos conceitos

identitários (que, no caso, são impostos socialmente sobre a figura das trabalhadoras) e a diferenciação delas em relação às mulheres não prostituídas:

> Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir ("estes pertencem, aqueles não"); demarcar fronteiras ("nós" e "eles"); classificar ("bons e maus"; "puros e impuros"; "desenvolvidos e primitivos" "racionais e irracionais"); normalizar ("nós somos somos normais; eles são anormais"). A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam reafirmam relações de poder. (DA SILVA: 2000, p. 81-82)

A problemática não é somente sobre o corpo, mas sim relacionada à moral social que impõe o que essas mulheres devem fazer com ele - porque elas não mercantilizam o seu livre exercício da sexualidade, mas fazem recurso disso para comercializar práticas realizadas por meio dele - questão essa que ficou velada e, contudo, evidente durante o período pandêmico.

O exercício do trabalho sexual é, em condições usuais, algo quase que inaceitável para a sociedade e isso se agravou durante a pandemia. O apelo sexual exagerado, a liberdade para viver do próprio corpo e o erotismo são parcialmente tolerados e eventualmente utilizados pela cultura moderna, porém não fazem parte do que se espera do arquétipo feminino e condutas a ele relacionadas:

> A prostituta não faz senão exagerar o apelo sedutor da mulher normal. Esta se faz bela como que para suscitar um "deseje-me" permanente. Essa mulher normal das grandes cidades ocidentais aparece como uma meretriz aos olhos das mulheres de Moscou ou de Gorki. Estas não entraram (ainda não) no circuito do *erotismo quotidiano* que a cultura de massa introduziu em nossos costumes. (MORIN: 1997, p. 136)

Assim, parte da coletividade assume que elas estão exercendo o seu trabalho por opção (e não por necessidade) nesse período crítico, questão essa que não é tão pragmática. Decifrar as questões relacionadas com a sexualidade não é um processo simples, e a visão reducionista da sociedade sobre esse universo tão complexo contribui para a desumanização dessas trabalhadoras e para a manutenção do seu lugar marginal. Pesquisar e compreender as

questões do desejo é reconhecer a si mesmo e ao outro como seres que podem agir fora dos padrões sociossexuais normativos:

> as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído. Em suma, a ideia era a de pesquisar, nessa genealogia, de que maneira os indivíduos foram levados a exercer, sobre eles mesmos e sobre os outros, uma hermenêutica do desejo. (FOUCAULT: 1987, p. 5 [11])

Essas indagações acerca da realidade das trabalhadoras sexuais são o princípio dessa pesquisa, tanto quanto o meu sentimento de discordância com esse olhar simplista da sociedade sobre as populações excluídas, sendo um dos motes pela nossa busca de maior clarificação acerca do universo das trabalhadoras sexuais na pandemia, de quem zela pelos seus direitos e por pessoas simpáticas à sua causa. Portanto, procuramos estabelecer questionamentos relacionados não somente ao universo da prostituição, cuidados femininos e políticas públicas nesse trabalho teórico como também canalizar essas informações e debate para o produto (livro-ensaio) por meio de exposição e aprofundamento das trocas com as fontes.

3.2 O discurso da mídia e a realidade das trabalhadoras sexuais durante a pandemia

A realidade da pandemia afetou a todos no planeta, desconfigurou completamente os nossos sistemas econômicos, interferiu sobre questões políticas e sociais e alterou as noções sobre a realidade. Tivemos de lidar com a luta pela sobrevivência, a tristeza e o luto, a ponto de acompanhar “terceiras pessoas” em primeira pessoa ao longo dessa tragédia, que foi amplamente noticiada e divulgada pela mídia.

Porém, mesmo com toda morte e sucessão de notícias negativas na cobertura midiática, essa transmissão e aprofundamento nas mazelas sociais ao longo da pandemia permaneceu “controlada” dentro dos preceitos da cultura social. Os meios de comunicação se esforçaram para trazer notícias positivas em meio ao caos - avanços científicos e farmacêuticos no combate à pandemia, casos de sucesso em recuperação da doença, expansão dos recursos de saúde, etc. - e alguns veículos não se aprofundaram nas questões sociais e piora dos indicadores. Seria a constante necessidade pela venda de valores de felicidade e harmonia a explicação para tal questão?

O uso do desejo é limitador, a cultura de massa e o capitalismo não fazem da sexualidade um instrumento de libertação, apenas usam-na como um recurso para, de certa

forma, vender “a esperança” (e não a realidade) para os consumidores. Impregnaram a vida humana com onirismo, erotismo, de uma forma propalada, e essa virulência é mais dispersa na publicidade do que, de fato, em conteúdos e mercadorias (MORIN: 1997, p. 113-116). Pode ser que a baixa adesão da mídia (televisiva, impressa e veículos tradicionais) em cobrir a vivência pandêmica de grupos marginalizados, que são expressões dos diferentes movimentos do erótico (da morte, do sexo, da beleza, etc.), seja explicada por essa questão? Ou pelo fato de que as populações marginalizadas sejam, sempre, colocadas nesse lugar, até mesmo por aqueles que poderiam elucidar sua realidade?

Não estou aqui dizendo que não houve cobertura midiática sobre a prostituição da pandemia, só que foram poucas produções sobre o assunto; algumas delas, inclusive trazem linguagem preconceituosa, ou não aprofundaram a reportagem, o que vai contra a luta das trabalhadoras sexuais por reconhecimento na sociedade e contribui pela manutenção do preconceito contra elas. Sendo o corpo feminino constantemente avaliado e inspecionado pela sociedade e, por consequência, pela cultura midiática, seria cabível que ambas acolhessem o exercício da atividade sexual como trabalho (especialmente em um momento como a pandemia) com um olhar mais conectado ao sensível e ao humano do que à erotização, objetificação e crítica moral, que são referências do passado.

Desse modo, me pergunto: a visão social e midiática sobre as trabalhadoras sexuais entra nessa lógica ultrapassada ou vêm como um embate a ela? Nesse caso (do embate), sua marginalização parte de uma mentalidade retrógrada por parte da mídia? Ou por parte da sociedade que não se interessa em mudar sua visão e, portanto, não se interessa pelas produções midiáticas sobre as prostitutas? Ou vem de outras questões, como o higienismo[2]? E quem influencia quem? A visão social sobre as profissionais do sexo gera um desinteresse na mídia em cobrir a vivências delas? Ou a pouca cobertura sobre a vivência das mulheres prostituídas colabora para a permanência delas nesse local de exclusão por falta de conhecimento social acerca de sua realidade e da vivência dessas mulheres enquanto indivíduos sensíveis e humanos?

A relação da sociedade com as trabalhadoras sexuais está restrita ao uso de seus serviços, ao posicionamento moral contra o exercício da profissão, ao consumo de produtos relacionados a ele (como pornografia) e aos conceitos e convenções que direcionam a elas e ao cenário da prostituição. Para desmantelar as estruturas de opressão das mulheres,

[2] Ver PRIORE, Mary del: 2011, p. 128-129

em especial no cenário sociossexual, é necessário propor mudanças na economia política do sexo e na relação da sociedade com essa:

> Se Lévi-Strauss está correto em ver a troca das mulheres como um princípio fundamental de parentesco, a subordinação das mulheres pode ser vista como um produto das relações através das quais sexo e gênero são organizados e produzidos. A opressão econômica das mulheres é derivada e secundária. Mas há uma "economia" do sexo e gênero, e o que nós necessitamos é de uma economia política dos sistemas sexuais. Precisamos estudar cada sociedade para determinar os mecanismos exatos pelos quais são produzidas e mantidas convenções particulares sobre a sexualidade. (RUBIN: 1993, p. 11)

Existe uma ligação entre a crise sanitária (que escancarou ainda mais as fragilidades sociais, além de ter levado diversos indivíduos para um lugar de pobreza, exclusão e marginalização) e a quebra e violação de direitos sociais, especialmente os femininos - visto que a sobrecarga de trabalho doméstico aumentou, a fome, o desemprego a violência, a prostituição, entre outros fatores, entre a população de mulheres no Brasil. Tudo isso estabelece uma necessidade de organização e formação de consciência sobre os sistemas que tangenciam a economia política do sexo, além de uma mudança da visão coletiva acerca desses temas e das questões relacionadas ao exercício da sexualidade feminina, pautas essas que a mídia e os veículos de comunicação podem contribuir para evoluírem positivamente, ao trazer à luz dos olhos da sociedade essas realidades, suas problemáticas e sugestões para mudança e melhora nesses cenários, enquanto ciência social e potencializador das transformações da realidade.

4 AS DIFERENTES PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DO ENSAIO JORNALÍSTICO

O gênero ensaístico é um recurso positivo no uso da literatura e do sensível na práxis e escrita jornalística, ele permite a expansão do pensamento crítico, da potência reflexiva e sentimental: "Nossa questão inicial dispõe-se então na pergunta sobre a possibilidade de existência de uma potência emancipatória na dimensão do sensível, do afetivo ou da desmedida, para além, portanto, dos cânones limitativos da razão instrumental" (SODRÉ: 2006, p. 17). Existe, então, um poder e potencial em extravasar, nos sentidos e sentir. Assim, em que ponto essa potência nos transforma e nos permite ver e sentir o outro nas nossas práticas comunicativas?

O formato ensaio busca produzir significados, possibilita clarificar algumas questões perdidas em meio às dificuldades e desordem cotidiana ao fazer recurso de diversos campos

de saber para tecer sentidos na narrativa jornalística, dilatando o conhecimento e a experiência sobre o mundo e seus cenários ao articular as compreensões sobre polissemia e polifonia com a observação e a vivência, e canalizando-os no produto jornalístico e ensaístico. (VOLPONI, 2014)

Esse formato é também uma forma de escapar do endurecimento promovido pelo recurso da cultura de massa ainda presente nas narrativas jornalísticas, a qual resulta em produtos e comportamentos que podem ser considerados excludentes, incivilizados:

> Se, de fato,a superfície se endurece e torna a se fechar sobre o fogo central,então a pressão interna se decuplica. Que a crosta venha a se romper, e os monstros quebrando suas correntes farão irrupção, não mais sobre as telas e os jornais, mas em cada um de nós. Todas as experiências nos provam que ninguém está definitivamente civilizado: um pequeno-burguês pacífico pode tornar-se, em certas condições, um S.S. ou um carrasco; a guerra das nações civilizadas é, pelo menos, tão odiosa, atroz, implacável, como as guerras das sociedades primitivas. A cultura de massa nos entorpece, nos embebeda com barulhos e fúrias. Mas ela não nos curou de nossas fúrias fundamentais... Ela as distrai, ela as projeta em filmes e notícias sensacionalistas. (MORIN: 2002, p. 112)

O texto ensaístico contém um vigor explicativo, amparado pela profunda investigação e entendimento humano, que são recursos geralmente pouco explorados pela escrita convencional dos grandes veículos de comunicação. Isso é uma das características que fazem com que as narrativas construídas sob essa forma de escrita jornalística sejam tanto subjetivas quanto aprofundadas nas histórias daqueles que ouvimos para construí-las, são embasadas em argumentos, vozes das pessoas, a escuta do outro e as reflexões que partem daí. (VOLPONI, 2014)

A escrita ensaística é um recurso oportuno e significativo para o momento atual, em que mergulhar nas profundezas emocionais parece ser uma forma pertinente de se vivenciar as experiências e ‘sentimentos de mundo’. O gênero é um caminho para a quebra e fuga de estereótipos, de narrativas rasas e sem diversidade, afetuosidade e aprofundamento na apuração e na história trazida pelo jornalista, por esse motivo é que fizemos recurso desse gênero na construção de nosso produto:

> A tentativa é estimular a reflexão sobre o formato, a abrangência e a importância atual do gênero ensaio como narrativa jornalística. Mostra como o ensaio se propõe a tecer sentidos e gerar conhecimento nos mais diversos campos do saber, em função do seu formato que busca produzir significados e articular alguma ordem possível no caos da vida e do mundo por meio das narrativas, sempre essenciais ao homem. Um gênero que se utiliza do conhecimento adquirido com a experiência, a observação e o entendimento da polifonia e da polissemia dos temas que nos cercam. Um gênero que busca o equilíbrio entre a razão e a emoção. (VOLPONI: 2014, p. 4)

Na busca por evitar o engessamento, a estereotipagem, o preconceito, o silenciamento e a reprodução de um discurso que silencia a realidade (e sua profundidade) das trabalhadoras sexuais, optamos por esse gênero para a construção do ensaio. Como dito anteriormente neste memorial teórico-discursivo, a proposta jamais foi avaliar a legitimidade do trabalho sexual ou sua relevância para a sociedade, nem tampouco forçar uma postura de avaliação moral sobre a vivência das trabalhadoras durante a pandemia. Mas, sim, conhecer um pouco mais da realidade delas e de quem as representa diante das organizações da sociedade civil e dos agentes promotores de políticas públicas que contemplam esse grupo de mulheres e, inclusive, a das mulheres que não estão no mercado de trabalho sexual.

Em nossa busca pela compreensão desse universo, nos despimos da necessidade de explicações racionais e metódicas sobre o mesmo, optando por realizar uma imersão contemplativa no universo da fonte e nas informações que foram de sua vontade e necessidade trazer ao nosso conhecimento. Senti que o processo correria melhor se guiado por ela ao invés de pela minha metodologia, além de que dessa forma foi possível promover um estudo mais amplo e aprofundado sobre as suas subjetividades e questões pessoais, de seu trabalho como profissional do sexo e como ativista. Esse ensaio informal, recurso que utilizamos, tem um caráter mais pessoal e aprofundado, e permite um melhor entendimento sobre as questões sensíveis, além do uso das subjetividades:

> O ensaio pessoal exige, portanto, muita coragem do autor. Disposição para despir-se por inteiro para o leitor. A humanização que se destaca nesse caso é a do próprio escritor, sua vulnerabilidade diante de acontecimentos sumamente tocantes. Revela-se frágil ou tomando consciência de seus limites, diante dos paradoxos da vida. Ele é o protagonista da sua própria história, mas não a conta, apenas. Filosofa. Mas faz isso de um patamar de necessidade orgânica profunda. O movimento para expor seu mundo interior procede das entranhas. A cura vem pela exposição (LIMA, 2006, p. 432 *apud* VOLPONI, 2014, p. 7).

O universo das trabalhadoras sexuais de Belo Horizonte também virou de ponta cabeça durante a pandemia, a vivência delas foi muito pesada e atravessada por questões e problemáticas profundas, que a da maioria do corpo social contemporâneo não tem completo conhecimento - viver em situação de vulnerabilidade social num contexto pandêmico, de exploração e exposição a infinitas possibilidades de violação de direitos e exposição às violência - nem tampouco vivenciou.

Assim, mergulhar nas profundezas desse universo por dois anos me trouxe um contingente absurdo de informações, questionamentos e sentimentos para processar e elaborar, o que eu nem tenho certeza de que fui, de fato, capaz de fazer, mas que me esforcei absolutamente para fazê-lo. Toda essa miscelânea de fatos e narrativas pediu um formato e gênero de escrita mais fluido e aberto, que pudesse conter toda essa explosão de sentimentos e que os pudesse trazer com simplicidade, portanto o gênero ensaio pareceu adequado e compatível com tais objetivos e necessidades.

4.1 O Jornalismo fala: ponderações sobre a entrevista e a escuta consciente

Um dos principais eixos que possibilitou e legitimou a construção do ensaio jornalístico Vulvessência foi a escuta, processo que vivenciei por cerca de dois anos em que tive convivência com a fonte, mesmo que à distância. Acolhi horas e horas de seus riquíssimos relatos orais, pude me emocionar com notícias e acontecimentos por ela confidenciados, com toda gentileza, a minha pessoa - pois que ali naqueles momentos a divisão entre minha figura pessoal, meus sentimentos e emoções, e a jornalista enquanto profissional ficou absolutamente tênue, algo que na verdade é positivo, dado o valor dessas questões sensíveis para a produção do trabalho.

Acolher histórias orais e refiná-las em conteúdo jornalístico narrativo, que não busca produzir um juízo de valor ou estabelecer uma verdade inquestionável, é uma ação que foge aos padrões do jornalismo convencional:

> O jornalista convencional, mesmo que de forma legítima, que não consegue compreender a complexidade contemporânea, ainda está a busca da "verdade". Já outras áreas do conhecimento, como a História Oral, compreendem que essa noção de verdade é, no mínimo, subjetiva. Muitos historiadores orais trabalham com o conceito de ucronia, isto é, de uma verdade "possível" para dadas circunstâncias que o indivíduo pode ter achado intolerável, como um prisioneiro de um campo de concentração (MARTINEZ, 2016)

Fazer uso da história oral contribui para a construção de uma narrativa sensível e ética, ao ouvir conscientemente o participante ativo da história que se relata o jornalista cria uma possibilidade de expansão em seu trabalho, podendo explorar a narrativa como representação de uma coletividade, construindo-a com não somente com o uso da estética como também da ética:

> Sob essa ótica, vemos a narrativa como uma forma de representação coletiva, como um elemento que cria e recria sociabilidades, como práticas comunicativas sociais que definitivamente contribuem, na sociedade mediatizada, para o alargamento dos horizontes de experiência. E nesse aspecto, é fundamental que as pesquisas no

> campo do jornalismo estejam também atentas às formas de narrar o mundo. Não exclusivamente ao conteúdo das mensagens que se passa, mas, principalmente, às dimensões éticas e estéticas que, da perspectiva das mediações, reposicionam os campos e os atores sociais, oferecendo a eles possibilidades de existência. (RESENDE: 2005, p. 88)

Ao trabalhar como narradora, notei que a postura de neutralidade, que pode ser erroneamente exigida do jornalista, não seria algo conveniente (ou sequer possível) de se adotar neste projeto - mesmo que estejamos evitando o aprofundamento em algumas polêmicas e problemáticas aqui - porque perderíamos um bocado do viés emocional do trabalho. Optamos aqui por expandir a visão sobre o real, e trabalhar com as minúcias relativas à mesma, por meio de um silenciamento diante das palavras da fonte e da adoção de uma postura ativa na narração:

> A postura de neutralidade na apreensão dos fenômenos, aliada à anulação do sujeito que enuncia, ao distanciamento simbólico característico da comunicação mediada e ao efeito de verdade gerado por essa produção ritual de enunciação, não permitem que o interlocutor/receptor conceba mesmo a existência de um narrador; a impessoalidade se constitui, assim, como característica preponderante desse sistema que reduz violentamente as possibilidades de ser do real. (DIONÍZIO: 2010, p. 10)

Assim, um dos elementos mais importantes para que pudéssemos permitir a fala, a construção deste produto jornalístico, a narrativa por ele trazida e o conteúdo das entrevistas de maneira mais sensível e, de certa forma, íntegra possível foi a escuta consciente. O eixo da escuta é um dos recursos fundamentais na entrevista e na prática jornalística como um todo, portanto nos amparamos pelas informações trazidas nas entrevistas para a escrita e elaboração do livro-ensaio.

O ato de silenciar, ouvir e acolher os relatos que recebi foi uma das coisas mais bonitas e proveitosas que pude realizar ao longo dessa produção, porque me permitiu me identificar diretamente com Jade, fonte principal, e ver características fundamentais de outras (e de todas) as mulheres em sua personalidade, além de ter o privilégio de ouvir desabafos de outras trabalhadoras que nunca haviam me visto mas que, por eu estar na companhia de Jade, confiaram em mim e se permitiram me contar um pedacinho de suas histórias, momento carregado de lágrimas delas, pulsação e empatia, e uma tristeza bela e romântica que me acompanhou durante essa escuta, com a delicadeza e fúria que constroem a bela, na minha opinião, estética da dor e do sofrer.

5 MATERIAL DESCRITIVO

Os livros são produtos consumidos por meio de um olhar, da atenção, do interesse e, de certa forma, da sedução… o que nos seduz e atrai nos livros são elementos e detalhes, como a fonte, o título, o autor e, claro, a capa. Muitas vezes julgamos o livro pela capa, isso é uma convenção que também cai bem como uma metáfora para as mulheres em situação de prostituição, que muitas vezes se veem julgadas e objetificadas apenas por serem quem são e exercerem a profissão que exercem. Para dar vida às narrativas que acolhi e focalizei neste produto, optei por fazer recurso de alternativas singulares na produção de todo o ensaio - como o lúdico no título, que brinca com os sentidos e com palavras de significados dúbios; ou o uso do ensaio informal como gênero de escrita na reportagem; as escolhas gráficas e afins.

Assim, trabalhar com elementos do tema trabalho sexual, juntamente com a proposta do título (que une as palavras vulva e essência) e trazer uma flor aquarelada com uma imagem de uma "Santa Vulva" foi a escolha visual que ousamos trazer para a capa deste trabalho. As escolhas gráficas buscaram trazer uma leveza para o tema, por isso escolhemos uma paleta de cores suave e delicada, e optamos por uma ilustração em aquarela na capa. Tendo em vista a minha necessidade de trazer esse viés mais artístico para o projeto gráfico, optei por contratar uma ilustradora profissional para criar a ilustração e diagramação do projeto.

Para o título escolhemos uma tipografia que busca simular o efeito de um pincel, que conversa com a ilustração em aquarela e também dialoga com as pequenas ilustrações inseridas nas divisões dos capítulos. Toda a proposta visual busca trazer uma leveza para o tema, além de buscar um efeito sinestésico sobre o leitor, que pode vivenciar processos catárticos relativos às suas próprias experiências pessoais e elaboração da leitura. Desse modo, inseri pequenas ilustrações de flores em cada divisão de capítulos, flores essas que têm uma estética plástica e que remete às flores e decorações que vi em alguns quartos dos hotéis que visitamos e que costumam se fazer presentes em motéis.

Para a tipografia interna do livro, escolhemos diferentes fontes serifadas para os diferentes tipos de divisão: para o texto corrido escolhemos a fonte merriweather sans e utilizamos o itálico para os destaques, diálogos e citações diretas; para as divisões dos capítulos e poesias utilizamos a fonte Butler por trazer um modernismo que, contudo, não desfaz a elegância da fonte. O livro tem o tamanho A5 (14,8cm x 21 cm). Os títulos seguiram o mesmo tamanho e fonte e tiveram seu destaque em negrito, em diferentes páginas que dividem os capítulos (os quais optei por não titular diretamente, para não oferecer uma previsão do conteúdo e que, no entanto, são acompanhados de uma palavra-chave que remete

aos sentimentos despertados em mim durante a escrita e que eu desejo inspirar ao leitor durante a leitura). Há, ainda, ilustrações florais em cada divisão dos capítulos que acompanham as palavras-chave e integram o componente sensível da estética visual do livro. O papel escolhido não é branco, justamente para acolher essas aquarelas e manter a ideia de que o livro é uma tela, uma pintura que está longe de ser minha obra-prima e que, todavia, carrega toda a minha energia, conhecimento e potencial de criação, uma pintura que carrega a energia da Jade, das outras trabalhadoras com quem conversei e de todas as mulheres que contribuíram para a realização do projeto.

5.1 Pauta Estendida

Tema e questão central ou proposta da pauta:

Noções e impressões acerca de uma profissional do sexo, com ênfase na sua transformação em agente de transformação social - contextualizado antes e durante o cenário pandêmico. Além de, ainda, atentar-se para a existência de um estereótipo sobre as profissionais do sexo e as mulheres libertas, que afetou as relações da repórter e sua forma de assimilar o mundo. Assim, a trajetória da fonte vem como um contraponto à visão negativa da sociedade sobre a figura da mulher prostituída, expondo uma possível faceta de sua essência: a empatia e a capacidade de acolher suas semelhantes e lutar pelos direitos de uma classe de mulheres oprimidas socialmente.

Enquadramento (ponto de partida/ argumentação central):

Ponderações e mescla das minhas vivências pessoais com o tema escolhido para o trabalho;
a união das questões pessoais e profissionais no processo de construção de uma narrativa; apresentação da fonte e informações sobre a mesma; o contexto e condições de trabalho das profissionais do sexo e da fonte durante o distanciamento social: saúde, segurança, hábitos, estrutura do trabalho, mudanças de rotina, etc.; a ocupação de espaços políticos por uma figura marginalizada e sua transformação em potente ator social; a ação e a liberdade da mulher em prol da mudança social, dos direitos sexuais e reprodutivos femininos; mulheres, corpos, estereótipos e sociedade.

Histórico:

O contexto histórico deste ensaio jornalístico se entrelaça com a minha vivência pessoal, que instigou a busca por conhecimento acerca de alguns aspectos do universo da prostituição. A minha curiosidade pelo tema acabou por me conduzir a conhecer uma personagem conhecida

pela sua atuação em prol da classe de trabalhadoras sexuais, não somente em Belo Horizonte, mas em todo o país. Com a pandemia de covid-19, a ideia inicial do trabalho foi alterada e o contexto se tornou ainda mais dramático e importante. As trabalhadoras sexuais, que são uma população já vulnerável, se tornaram ainda mais vulneráveis, e o ativismo do Clã das Lobas, conduzido primordialmente por Maria de Fátima Muniz (Jade), ganhou ainda mais importância. Assim, dialoguei com Jade para entender a relação de nossas figuras enquanto mulheres, o papel dela na sociedade e em seu meio durante a pandemia e o quanto isso representa de avanços para a classe feminina - que vem se empoderando e apropriando de seus próprios corpos, desejos e histórias, a fim de construir uma nova realidade para as mulheres. Escrever sobre si mesmo é um ato de liberação, e eu o faço para me permitir conhecer uma partícula do mundo que me intriga, sobre o qual eu estudei em diferentes perspectivas para basear meus pensamentos e concepções. Hoje escrevo fazendo a melhor aposta que posso e que acredito ser relevante, mesmo que seja acerca da perspectiva de uma mínima imersão, visto que o universo da fonte é muito complexo e seria necessária uma verdadeira incursão ao seu cotidiano para entender a dimensão e o impacto de suas ações. Um outro componente importante na questão é a poesia, que contribui para a construção da narrativa e expõe componentes emocionais do “eu” e os conecta ao componente de pesquisa, escuta e escrita do meu lado repórter.

Níveis de informação (camadas e angulações possíveis) :
Minha relação com o tema; apresentação da fonte; contextualização com o momento atual; estética e beleza do componente “sofrer”; ser mulher na sociedade; poéticas sobre o feminino, políticas e atualidades; a transformação da fonte em um potente ator social; ponderações sobre a força feminina, resistência e afetos.

Fontes a serem utilizadas (pessoas, documentos, obras, etc):
Maria de Fátima Muniz (Jade) - Organizadora do Clã das Lobas
Referencial teórico
Referencial de web e audiovisual

Roteiro de perguntas feitas para a fonte:

1. Qual o seu nome completo?
2. Você tem um nome de trabalho?
3. Qual a sua raça/etnia pra você?

4. Qual a sua idade?
5. Cidade natal?
6. Poderia me contar sua história? (Como uma mini-biografia)
7. Como começou a sua trajetória na prostituição/como trabalhadora sexual?
8. Você poderia contextualizar o seu trabalho antes e durante a pandemia?
9. Você é capaz de manejar o tempo de trabalho e o tempo de descanso com facilidade?
10. Você ainda atua como trabalhadora sexual?
11. Qual a sua principal fonte de renda, atualmente?
12. Como você definiria a sua situação financeira atualmente?
13. Você acredita estar em situação de vulnerabilidade social?
14. Fale um pouco sobre você…
15. Você tem religião?
16. Como você se sente ao ler determinadas manchetes na mídia como estas? (oferecer exemplos)
17. Qual a história por trás da casa de apoio criada por você e o Coletivo?
18. Quais órgãos oficiais participaram do financiamento da casa de apoio?
19. As trabalhadoras sexuais têm apenas a casa de acolhimento criada por você em BH ou existem outras?
20. Me fale sobre as cadeiras institucionais que você tem assumido na política municipal…?
21. Qual a sua maior conquista?
22. Qual o maior desafio que você já enfrentou no trabalho? E no ativismo?
23. Qual a sua perspectiva pessoal e da sua classe profissional daqui a 5 anos? Como você se vê e à causa até lá?
24. Se você pudesse mandar uma mensagem para o público leitor do trabalho, diretamente, qual seria?
25. Qual o seu maior sonho?
26. O que você está buscando/procurando em seu ativismo e por meio dele?
27. Você sempre exerceu este papel de liderança? Quando o tomou para si?
28. Como criou o Clã das Lobas? Poderia falar mais sobre ele? Quem compõe o clã das lobas? Qual é a história do coletivo?
29. Em algum momento você sentiu medo em seu trabalho? Como foi e como lidou com isso?

30. Em algum momento você sentiu medo ou recebeu quaisquer ameaças por ser ativista? Como foi isso?
31. Como você acha que as trabalhadoras sexuais e mulheres que você representa e ajuda te definem? O que você acha que elas dizem sobre você?
32. Você poderia explicar como entrou na prostituição e por que permanece na carreira?
33. Como você lida com pressões e situações estressantes em seu cotidiano?
34. Como você lida com a vida pessoal e profissional em seu cotidiano?
35. Você tem contato com seus familiares? Como eles lidam com a sua carreira de trabalhadora sexual?
36. Como é a sua rotina? Poderia descrever um dia comum…?
37. Qual a sua opinião sobre a expressão "mulher de vida fácil" (utilizada para definir as profs. sexo)?
38. Existe um estigma social sobre as profissionais do sexo, na sua opinião?
39. Por que você opta/insiste no uso da expressão profissional do sexo?
40. Você já se apaixonou?
41. Já se apaixonou por um cliente?
42. Como você descreveria/definiria as suas relações interpessoais?
43. Seus parceiros tinham boa aceitação com a sua profissão?
44. Você se identifica com uma pessoa comum?
45. Você se sente diferente em relação ao corpo social?
46. Você visualiza a importância do seu trabalho e ações?
47. Qual foi a maior decisão que você teve que tomar no ano passado? Por que foi tão difícil?
48. Você convive com diversas profissionais do sexo e, também, está inserida em diversos ambientes - como o meio acadêmico e político de BH - em quais lugares você vê mais mulheres diversas?
49. Qual foi o seu primeiro pensamento/sentimento quando a pandemia foi decretada no Brasil?
50. Você diria que as suas vivências cotidianas são "comuns" (como a de outras profissionais do sexo)? Ou elas são mais densas/pesadas (fugindo ao que é "cotidiano" às mulheres inseridas em outras realidades)?
51. Como os seus hábitos mudaram na nova rotina?
52. Na sua opinião, a sua atividade foi desvalorizada no cenário pandêmico? Você insistiu nessa área?

53. Quais são os seus pontos fortes e fracos?

Pontos de vista contemplados:
Trabalhadora sexual e ativista pelos direitos das mulheres; ponderações da própria narradora.

Descrição da proposta estética do livro ensaio:
Proposta textual: linguagem literária para a construção de uma narrativa que permeia as subjetividades dos personagens, problemáticas e temas inseridos na matéria. Escrita ensaística; jornalismo de subjetividades.
Proposta visual: disposição de poesias ao longo do texto, destacadas em relação ao texto em prosa, com outra fonte; minimalismo nos recursos visuais que serão utilizados ao longo do texto (como ilustrações e etc.)
Paleta de cores: azul escuro, azul claro, lilás, lavanda, tons de rosa, roxo e magenta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sentimentos e emoções são nossa bússola para viver e experienciar a vida, interferem na leitura do mundo pelo sujeito e na leitura do sujeito pelo mundo. Nossas trocas com o meio e com o todo estão atreladas às nossas afetividades, nossa percepção social se conecta ao emocional e ao sensível. Com essas noções, passei mais de três anos em contato com o universo da prostituição de Belo Horizonte, sendo dois deles em contato com a fonte… tentando mergulhar na imensidão e profundidade de sua trajetória sem me perder, porque a força do tema não é para qualquer um, o universo da prostituição é cru e pode espantar quem não o conhece. Precisei me abrir enquanto sujeito à empatia e ao completo estranhamento àquilo tudo, ao que tangencia e consiste a realidade da mulher prostituída na pandemia.

Teci aqui minhas próprias dores e incertezas com as da fonte e das trabalhadoras amparadas por ela, notei que estamos entrelaçadas por problemáticas comuns às mulheres - como a ditadura da moda e da beleza, a violência contra a mulher, o feminismo, a sororidade, os abusos e as diferentes egrégoras que formamos em nossa vivência feminina neste plano. Conheci na prática a ideia de partilha, do que nos é comum, e fui transformada enquanto ser humano e enquanto profissional neste processo.

Em que medida o que se sente te transforma naquilo que se é? Em quais esferas o que se é, age sobre a forma como se sente? Essas foram indagações que este trabalho e processo me trouxeram e que vou carregar comigo por toda a vida. Algumas perguntas simplesmente não têm respostas, ou, se tiverem, estão impregnadas com as limitações do real. Até que

ponto estamos aptos a sentir o que sentimos? Conseguimos interpretar nossos sentidos? Como assimilar o que pulsa, primitivamente, em nós, mas não é biológico ou fisiológico? Como acolher as nossas demandas emocionais, sentimentais? Como podemos enxergar além do que se vê? São questões que me afligem e que aqui compartilho, talvez para manter essa partilha do sensível.

Escrever este projeto me foi um desafio enorme, batalhei contra os meus medos, dificuldades e impedimentos por dois anos para conseguir "parir" esse trabalho, ainda me surpreendo com a dimensão deste projeto que eu, humildemente, espero ter canalizado… com a dimensão deste universo do trabalho sexual que eu espero ter focalizado com dignidade. Eu aprendi quando descobri o que eu mais amo fazer: conhecer e tentar desvendar universos, esculpir narrativas, adentrar na terceira dimensão do imaginário. Eu já fazia isso, já me esforçava e não sabia exatamente para o quê, hoje sei… sou jornalista, e nós somos literatas que nos fortalecemos com a potência da narrativa. Hoje me esforço ao máximo para aprender, calar, ouvir e tentar entender para, no momento oportuno, transmitir. Quero compartilhar aqui a minha jornada, que foi mais ácida e, no entanto, saborosa que jamais imaginei.

Sou grata a cada uma das pessoas que acompanhou o meu trabalho, que me amparou na árdua construção dele, em especial a minha querida e estimada fonte, Jade, que me levou para o seu universo com toda a gentileza e carinho. Por meio dela pude perceber que minha visão sobre as trabalhadoras sexuais, o meu desejo pela humanização e sensibilização social acerca da figura delas, é a representação mais justa que elas podem merecer receber; não há nada de novo ou incomum em tratar as pessoas com o devido merecimento, respeito e humanidade… só que algo na nossa sociedade se perdeu, e muitas pessoas se descolaram dessa perspectiva, talvez por suas próprias vivências e experiências. Encerro aqui este trabalho com um verso de Criolo, que me foi consolo e amparo por diversas vezes e que creio conversar completamente com a minha esperança, viva e perene, de que o amor pode sim nos salvar e de que a nossa sociedade ainda tem esperança: "As pessoas não são más, elas só estão perdidas… Ainda há tempo."

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J.. **A Política Sexual da Carne:** uma teoria feminista vegetariana. Tradução de Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde Editorial, 2a ed., 2018.

BERTHO, Helena. "Para as mulheres, sexo sempre foi trabalho", diz Silvia Federici. **Instituto AZMina**, 2019. Disponível em:

https://azmina.com.br/reportagens/para-as-mulheres-sexo-sempre-foi-trabalho-diz-silvia-federici/ Acesso em: 28 mar. 2021

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya Brasil, 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbrida**s - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARVALHO, Francione Oliveira. **A história da arte e as representações do feminino**: de quais mulheres falamos?. *Revista Trama Interdisciplinar*, *1*(2), 2011. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/3119 Acesso em: nov. 2019.

COMO profissionais do sexo sobrevivem à pandemia no mundo. **BBC**, 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54426524 Acesso em: 15 set. 2021.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e crítica do discurso noticioso**: notas sobre jornalismo e representações sociais. Covilhã: LabCom Books, 2009.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. Organizado por Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73-129.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2012.

DIDI-HUBERMAN, George. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DIONÍSIO, Priscila Martins. **O encontro com o *outro* no processo de produção do jornalismo**. Belo Horizonte: Revista Lumina, Vol.4, nº1, 2010. Disponível em: www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina Acesso em: 14 nov. 2021.

DISTRITO 601. Direção de Breno Rodrigues e Ayrá Sol. Brasil: Ayrá Sol, Breno Rodrigues, Eduarda Gonçalves, Thaislaine Santos, 2018, 30:48', col. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Gr90rPup2-Y Acesso em: nov. 2019

FANTINI, Petra. Por Penhas e Izadoras: trabalhadoras sexuais criam rede de apoio na pandemia. **Escola de ativismo**, 2021. Disponível em: https://escoladeativismo.org.br/por-penhas-e-izadoras-trabalhadoras-sexuais-criam-rede-de-apoio-na-pandemia/ Acesso em: 05 out. 2021.

FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/ Acesso em: 25 set. 2021.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

_____. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FONSECA, Cláudia. **A dupla carreira da mulher prostituta**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, n. 7, 1996. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16650 Acesso em: nov. 2019.

GALVÃO, Patrícia. **Autobiografia Precoce.** São Paulo: Schwarcz S.A, 2020.

GUIMARÃES, Katia; MERCHÁN-HAMANN, Edgar. **Comercializando Fantasias:** a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, n. 13 (3), Dez 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/ZY76zb36B5d39Tszd6wrcZF/?lang=pt Acesso em: nov. 2019

HORTA, Maria Teresa. **Escritas.org**, c 1996. Maria Teresa Horta. Disponível em: https://www.escritas.org/pt/maria-teresa-horta Acesso em: 15 jul. 2021

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**. Porto: Porto Editora, 2005.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Florianópolis: Record, 2001. Disponível em: http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Teterep-1.pdf Acesso em: 08 jul. 2021

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.
LAING, Aislinn. Chile: profissionais do sexo atendem online durante pandemia. **Terra**, 2020. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/mundo/chile-profissionais-do-sexo-atendem-online-durante-pandemia,1bdd2c5ca3e4ba9e9d04b016ed68d6c1889vdw4d.html Acesso em: 28 mar. 2021.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.

LOLLI, João Felipe. Prefeitura de BH fecha 'sobe e desce', e 2 mil profissionais do sexo ficam sem trabalho. **Itatiaia**, 2021. Disponível em: https://www.itatiaia.com.br/noticia/prefeitura-de-bh-fecha-sobe-e-desce-e-2-mil-profissionais-do-sexo-ficam-sem-trabalho Acesso em: 15 set. 2021.

LOLLI, João Felipe. Profissionais do sexo de Belo Horizonte enfrentam crise causada pela pandemia. **Itatiaia**, 2021. Disponível em: https://www.itatiaia.com.br/noticia/profissionais-do-sexo-de-belo-horizonte-enfrentam-crise-causada-pela-pandemia Acesso em: 15 set. 2021.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser Jornalista No Brasil**: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

LOPES, Lisandra Cristina. Em cenário de pandemia, é preciso ainda mais falar sobre prostituição. **Carta Capital**, 2020. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/em-cenario-de-pandemia-e-preciso-ainda-mais-falar-sobre-prostituicao/ Acesso em: 28 mar. 2021.

MAGALHÃES, Romina Cácia Dutra. **7 Pontos Sobre Felipe Pena**: encontros e desencontros da rotina do pesquisador com seu conceito sobre jornalismo literário. Revista Observatório, Tocantins, v. 4, n. 6, p. 198–215, 2018b. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5432 Acesso em: 28 mar. 2021

MAIA, Marta Regina. **A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística**. Rio de Janeiro: Contracampo n.15, 2006, p. 137-150. Disponível em: https://periodicos.uff.br/contracampo/issue/view/1007 Acesso em: 19 ago. 2021

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.

MAROCCO, Beatriz. **Jornalismo de sensações**. In: DA SILVA, Márcia Veiga; MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela (Orgs). **Livro de repórter**: autoralidade e crítica das práticas. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019, p. 79-116. Disponível em: https://www.ufsm.br/editoras/facos/livro-de-reporter/ Acesso em: 18 set. 2021

MARTINEZ, Monica. **Reflexões sobre Jornalismo e História Oral**: um campo com mais convergências do que dissonâncias. Revista Observatório, Tocantins, v. 2, n. 1, p. 75–91, 2016a. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1869 Acesso em: 17 set. 2021

_____. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016b.

_____. **Jornalismo Literário:** revisão conceitual, história e novas perspectivas. São Paulo: Intercom - RBCC, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/interc/a/YywYmt85GZrc4NRsjHytXYm/?lang=pt Acesso em: 28 set. 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação:** ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 20-22.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

_____. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 5. ed., 2008.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

MORTE de cássia eller: a partida inesperada que virou caso de polícia. **Revista Cifras**, 2020. Disponível em: https://revista.cifras.com.br/artigo/morte-de-cassia-eller Acesso em: 28 mar. 2021.

MULHERES Invisíveis Pretas e Pobres, prostitutas se arriscam em meio à pandemia. **Agência Mural**, 2021. Disponível em: https://www.agenciamural.org.br/especiais/pretas-e-pobres-prostitutas-se-arriscam-em-meio-a-pandemia/ Acesso em: 15 set. 2021.

MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary**. Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. Londrina-PR: Eduel, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, Felipe. Mulheres que perderam emprego na pandemia recorrem à prostituição em SP. **UOL TAB**, 2021. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/19/desempregadas-pela-pandemia-mulheres-recorrem-a-prostituicao-em-sao-paulo.htm Acesso em: 15 set. 2021.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2010.

PISCITELLI, Adriana. **Feminismos e Prostituição no Brasil:** uma leitura a partir da Antropologia Feminista. Buenos Aires: Cuadernos de Antropología Social n.36, p. 11-31, UBA, 2012. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1809/180926074002.pdf Acesso em: nov. 2019.

PROSTITUIÇÃO: dados internacionais e situação do Brasil. **QG Feminista**, 2018. Disponível em: https://medium.com/qg-feminista/prostituição-dados-internacionais-e-situação-do-brasil-10b32b3b2689 Acesso em: 28 mar. 2021.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar:** a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do IFHC da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 1990.

RESENDE, Fernando. **O jornalismo e a enunciação**: perspectivas para um narrador-jornalista. Rio de Janeiro: Contracampo n.12, 2003. Disponível em: https://periodicos.uff.br/contracampo/issue/view/1004 Acesso em: 16 ago. 2021

_____. **O olhar às avessas** - a lógica do texto jornalístico. São Paulo: Compós, 2002. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_668.pdf Acesso em: 23 set. 2021.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. **Prostituição e feminismo** - uma aproximação ao debate contemporâneo. Florianópolis: Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em:

http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1266610527_ARQUIVO_femismoeprostituicaofazendogenero.pdf Acesso em: nov. 2019.

RUA GUAICURUS. Direção de João Borges. Brasil: Yara Produções, 2019, 75', 1:1:85, col.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres:** notas sobre a economia política do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha, Sonia Corrêa. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

SEXO, máscaras e álcool em gel . **Elástica**, 2021. Disponível em: https://elastica.abril.com.br/especiais/prostitutas-bh-sexo-riscos-pandemia-covid/ Acesso em: 15 set. 2021.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito** (1903). Rio de Janeiro: Mana, vol.11, no.2, p. 577 – 591, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mana/a/WfkbJzPmYNdfNWxpyKpcwWj/?lang=pt Acesso em: 17 set. 2021.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do Jornalismo Impresso**. Porto: LabCom Books, 2001. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf Acesso em: 11 set. 2021.

SOUTO, Luiza. Sem beijo, de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia. **Universa UOL**, 2021. Disponível: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/25/so-de-costas-trabalhadoras-sexuais-adotam-protocolo-para-poder-trabalhar.htm Acesso em: 15 set. 2021.

TRAVANCAS, Isabel. **Por uma antropologia da comunicação**: a construção de um campo e suas pesquisas. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2008v10n2p113 Acesso em: 16 ago. 2021.

TRAQUINA, Nelson. **O paradigma do agenda-setting**: redescoberta do poder do jornalismo. Lisboa: Revista Comunicação e Linguagens, Nº 21-22, Edições Cosmo, 1995.

_____. **Teorias do Jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo II**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

VIOLÊNCIA contra a mulher cresce durante pandemia de Covid-19.**PEBMED**, Rio de Janeiro, 20 out. 2020. Disponível em: https://pebmed.com.br/violencia-contra-a-mulher-cresce-durante-pandemia-de-covid-19/ Acesso em: 15 set. 2021.

VIOLÊNCIA contra mulheres cresce em 20% das cidades durante a pandemia. **Agência Brasil**, Brasília, 13 ago. 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/violencia-contra-mulheres-cresce-em-20-das-cidades-durante-pandemia Acesso em: 15 set. 2021.

VOLPONI, Rodrigo. **O resgate do gênero ensaio e seu papel no jornalismo contemporâneo.** São Paulo: 2014. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/12/Rodrigo-Volponi.pdf Acesso em: 15 jul. 2021.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.

_____. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.